

GUY DE MAUPASSANT

YVETTE



★ ROMANCE DE ÉPOCA ★

Yvette

Guy de Maupassant

I

Quando saíam do Café Riche, Jean de Servigny disse a Léon Saval:

— Se quiser vamos a pé. O tempo está ótimo para caminhar um pouco.

E o amigo respondeu:

— De pleno acordo.

Jean acrescentou:

— São apenas onze horas, chegaremos muito antes da meia-noite; vamos, pois, devagar.

Uma turba agitada enchia o bulevar, uma dessas multidões de noites de verão, que se movimenta, bebe, sussurra e se escoia como um rio, cheia de bem-estar e de alegria.

Muito próximos uns dos outros, os cafés lançavam jorros de luz sobre os grupos de fregueses sentados na calçada diante de mesinhas cobertas de garrafas e de copos, e que atrapalhavam a marcha dos transeuntes apressados. E junto à sarjeta os fiacres de lanternas vermelhas, azuis ou verdes, passavam rapidamente na luz viva das vitrines iluminadas, exibindo, por um segundo, à silhueta magra do cavalo a trote, o perfil empoleirado do cocheiro e a carroceria negra da viatura. Os da Urbaine, com uma pintura amarela, pareciam manchas claras e rápidas batidas pela luz.

Os dois amigos caminhavam lentamente, cigarro à boca, de casaca, com a capa no braço, uma flor na botoeira e com o chapéu um pouco inclinado como se usa algumas vezes, por preguiça, quando se jantou muito bem e quando a brisa é morna.

Desde os tempos de colégio que eles estavam ligados por uma amizade estreita, devotada, sólida.

Jean de Servigny, pequeno, esbelto, um pouco calvo, um pouco franzino, muito elegante, os bigodes frisados, os olhos claros, os lábios finos, era um desses homens noturnos que parecem nascidos e criados no bulevar, infatigável apesar de ter sempre um ar extenuado, vigoroso apesar de pálido, um legítimo e delicado parisiense a que a ginástica, a esgrima, as duchas e os suadores dotaram de uma força nervosa e artificial. Ele era conhecido tanto por sua boêmia como pelo seu espírito, por sua fortuna, por suas relações e por essa sociabilidade, essa amabilidade, essa galanteria mundana peculiares a certos homens.

Verdadeiro parisiense, fútil, cético, mutável, sugestionável, enérgico e irresoluto, capaz de tudo e de nada, egoísta por princípio e generoso por impulso, ele consumia seus rendimentos com moderação e divertia-se com higiene. Indiferente e apaixonado, deixava-se arrastar e voltava atrás com frequência, combatido por instintos contrários e cedendo a todos para obedecer, em definitivo, à sua razão de viver inteligente cuja lógica de ventoinha consistia em seguir o vento e tirar partido das circunstâncias, sem se dar ao trabalho de as provocar.

Seu companheiro Léon Saval, rico também, era um desses tipos soberbos, que fazem com que as mulheres se voltem ao vê-los passar. Parecia uma estátua que se fizera homem, um tipo da

raça, como esses objetos modelo que são enviados às exposições. Muito belo, muito alto, muito forte, pecava um pouco por excesso de tudo, por excesso de qualidades. Tinha despertado já inúmeras paixões.

Quando chegaram diante do Vaudeville, ele perguntou a Servigny:

— Você preveniu essa senhora de que me ia levar à casa dela?

Servigny pôs-se a rir.

— Prevenir a marquesa Obardi! Prevines um cocheiro de carruagem de que vais tomar o seu carro numa esquina da rua?

Saval, um tanto perplexo, perguntou:

— Quem é então essa pessoa?

E o amigo respondeu-lhe:

— Uma *parvenue*, uma rastaquera, uma mulher encantadora, saída não se sabe de onde, aparecida um dia, não se sabe como, no mundo dos aventureiros, e conseguindo aí fazer figura. Que nos importa saber? Dizem que o seu verdadeiro nome, o seu nome de solteira, porque ela ainda é solteira sob todos os títulos, salvo o título de inocência, é Octavie Bardin, daí Obardi, conservando-se a primeira letra do nome e suprimindo a última do sobrenome.

Além disso é uma mulher muito amável, e você será inevitavelmente o seu amante, por causa do seu físico.

Não se pode apresentar Hércules a Messalina sem que aconteça qualquer coisa. Acrescento, entretanto, que se nessa casa a entrada é livre, como nos bazares, não se é obrigado a comprar as mercadorias do estabelecimento. Há lá amor e jogo,

mas não se fica constrangido a uma coisa nem a outra. A saída também é livre.

Ela está instalada já há três anos no *quartier* de l' Êtoile, zona suspeita, e abre seus salões a essa espuma dos continentes, que vem a Paris exercer seus talentos diversos, temíveis e criminosos.

Eu fui à sua casa! Como? Já não sei. Fui, como vão todos, porque lá se joga, porque as mulheres são fáceis e os homens desonestos. Eu adoro esse mundo de flibusteiros com insígnias variadas, todos estrangeiros, todos nobres, todos portadores de um título, todos desconhecidos em suas embaixadas, com exceção dos espões Falam em honra a todo o instante, citam seus ancestrais a propósito de nada, contam sua vida a propósito de tudo, são faladores, mentirosos, trapaceiros, perigosos como suas cartas, falsos como seus nomes, e valentes por necessidade, como os salteadores que não podem despojar os outros a não ser com perigo da própria vida.

É a aristocracia da calceta.

Eu os adoro. Eles são interessantes de observar, interessantes de conhecer, divertidos de ouvir, por vezes espirituosos, nunca vulgares como um funcionário francês. Suas mulheres são sempre lindas, com um leve sabor de brejeirice estrangeira, com o mistério de suas existências passadas talvez, em parte, em alguma casa de correção. Têm, em geral, olhos soberbos e cabelos incomparáveis, o verdadeiro físico requerido, uma graça que entontece, uma sedução que provoca as loucuras, um encanto mórbido, irresistível! São mulheres conquistadoras à maneira dos salteadores de outrora, verdadeiras aves de rapina. Eu as adoro também.

A marquesa Obardi é o tipo dessas cínicas elegantes. Madura e sempre bela, encantadora e felina, sente-se que é viciosa até a medula. Sua casa é muito divertida. Joga-se, dança-se, come-se... faz-se, enfim, tudo o que constitui os prazeres da vida mundana.

Léon Saval perguntou:

— Foi ou é o seu amante?

Servigny respondeu:

— Não fui, não sou e não serei. O que me interessa é a filha.

— Ah! Ela tem uma filha?

— Se tem uma filha! Uma maravilha, meu caro. É hoje a principal atração dessa caverna. Alta, magnífica, justamente no ponto, dezoito anos, tão loira quanto a mãe é morena, sempre alegre, sempre pronta para as festas, sempre rindo e dançando. Quem a possuirá? ou quem a possui? Não se sabe. Somos dez que aguardamos, que esperamos.

Uma rapariga como essa, nas mãos de uma mulher como a marquesa, representa uma fortuna. E elas escondem o jogo, as duas espertalhonas. Não se compreende nada. Possivelmente esperam uma oportunidade... melhor... do que eu. Mas eu asseguro que aproveitarei a... oportunidade, se a encontrar.

Essa moça, Yvette, desconcerta-me completamente. Ela é um mistério. Se não é o mais perfeito monstro de astúcia e de perversidade que jamais vi, é com certeza o mais maravilhoso fenômeno de inocência que se possa encontrar. Admiravelmente depravada ou ingênua, vive nesse meio infame com uma facilidade tranquila e triunfante.

Maravilhoso rebento de aventureira, vivendo naquele ambiente de podridão como uma flor magnífica plantada no

estéreo, ou então filha de alguém de grande nome, de algum grande artista ou de algum grande senhor, de algum príncipe ou de algum rei, tombado acaso, uma noite, no leito da mãe—o facto é que não se pode compreender o que ela é nem o que ela pensa. Mas você vai conhecê-la. Saval começou a rir e disse:

— Você está apaixonado.

— Não. Estou com algumas intenções, o que é outra coisa. Eu te apresentarei os meus concorrentes mais sérios. Mas levo algumas vantagens sobre eles. Estou na frente, gozo certas regalias. Saval repetiu:

— Está apaixonado.

— Não. Ela me perturba, me seduz e me inquieta, me atrai e me afugenta. Desconfio dela como de uma armadilha, e a desejo como se deseja um sorvete quando se está com sede. Sofro o seu encanto e sempre que me aproximo dela é com a apreensão que se tem ante um homem suspeito de ser um hábil ladrão. Quando estamos juntos, sinto-me enlevado com sua possível candura e ao mesmo tempo desconfiado da sua não menos possível velhacaria. Sinto-me como em contato com um ser anormal, fora dos padrões naturais, adorável ou detestável. Não sei.

Saval repetiu pela terceira vez:

— Digo que você está apaixonado. Fala nela com uma ênfase de poeta e um lirismo de trovador. Vamos, examine, sonde o seu coração e confesse.

Servigny deu mais alguns passos calado, depois respondeu:

— É possível. Em todo o caso, ela preocupa-me muito. Sim, talvez eu esteja apaixonado. Isso me absorve demasiado. Penso nela ao deitar e ao acordar. E isso é grave. Sua imagem me segue,

me persegue, me acompanha sem cessar, sempre diante de mim, em torno de mim, em mim. Será amor essa obsessão física? Sua imagem entrou tão profundamente no meu olhar que eu a vejo assim que fecho os olhos. Cada vez que a vejo meu coração bate apressado, não nego. Amo-a, sim, mas de uma certa maneira. Desejo-a com toda a violência, e a ideia de fazer dela minha mulher me pareceria uma loucura, uma estupidez, uma monstruosidade. Tenho um pouco de medo, também, o medo do pássaro sobre o qual voa um gavião. E tenho ciúmes, também, ciúmes de tudo o que ignoro daquele coração incompreensível. Sempre me pergunto: "Será uma garota encantadora ou uma abominável farsante?" Ela diz coisas de arrepiar um exército, mas os papagaios também dizem. Às vezes é tão impudente ou impudica que me faz crer em sua candura imaculada, e às vezes, tão simples e natural, duma simplicidade tão inverosímil, me faz duvidar de que jamais tenha sido casta. Provocante, me excita como uma cortesã e ao mesmo tempo se defende como uma virgem. Parece amar-me e faz troça de mim. Conduz-se em público como se fosse minha amante e na intimidade me trata como se eu fosse o seu irmão ou o seu criado.

Por vezes imagino que tem tantos amantes quanto sua mãe. Outras vezes se me afigura que não sabe nada da vida, mas nada mesmo, compreendes?

É também uma insaciável leitora de romances. Eu sou, à espera de melhor, o seu fornecedor de livros. Ela me chama o seu "bibliotecário".

Todas as semanas a Librairie Nouvelle lhe remete, de minha parte, todas as novidades aparecidas, e eu creio que ela lê tudo, misturado.

Isto deve fazer no seu cérebro uma estranha salada.

Essa mixórdia de leituras talvez tenha alguma coisa que ver com o procedimento dessa moça. Quando se contempla a existência através de quinze mil romances, deve-se enxergá-la sob um aspeto divertido e ter sobre as coisas umas ideias bastante esquisitas.

Quanto a mim, espero. É certo que nunca tive por nenhuma mulher a inclinação que tenho por esta. É certo, também, que não me casarei com ela. Se ela teve amantes, eu aumentarei o número deles. Se não os teve, candidato-me ao número um.

O caso é simples. Provavelmente ela não se casará. Quem desposaria a filha da marquesa Obardi, de Octavie Bardin? Ninguém, por inúmeras razões.

Onde encontrará um marido? Na sociedade? Nunca. A casa da mãe é uma casa pública em que a filha atrai a clientela. Ninguém casa nessas condições.

Na burguesia? Ainda menos. E a marquesa não é mulher para fazer maus negócios; ela não dará Yvette definitivamente a não ser a um homem de grande posição e que ela não encontrará nunca.

Na plebe? Também não. Não há saída, pois. Essa moça não pertence ao alto mundo, nem à burguesia, nem à plebe.

Ela não pode entrar por meio de uma aliança em nenhuma dessas classes da sociedade.

Ela pertence pelo lado materno, por seu nascimento, por sua educação, por sua hereditariedade, pelas suas maneiras, por seus hábitos, à prostituição dourada.

Não poderá escapar a ela, a menos que entre para um convento, o que não é provável, em vista de suas maneiras e de

seus gostos. Só lhe resta uma profissão possível: o amor. Forçosamente chegará a isso, a menos que já a exerça. Ela não poderá fugir ao seu destino. De pequena de família, ela passará a ser uma pequena, simplesmente. E eu desejaria ser o centro dessa transformação.

Eu espero. Os admiradores são numerosos. Encontrará lá um francês, M. de Silvigny, um russo, o príncipe Kravalow, e um italiano, o cavagliere Valreali, que lançaram suas candidaturas e que trabalham pela vitória. Há ainda outros muitos candidatos, mas todos sem importância.

A marquesa observa. Mas eu creio que ela tem os olhos em mim. Sabe que eu sou bastante rico e me conhece melhor que aos outros.

Seu salão é, no género, o mais extraordinário dos que eu conheço. Frequentam-no até pessoas de posição, pois muitos como nós lá comparecem. Quanto às mulheres, ela encontrou, ou antes, escolheu o que há de melhor entre as caçadoras de ouro. Onde as descobriu, ignoro. É um mundo à parte do das verdadeiras prostitutas, à parte da boémia, à parte de tudo. Além disso, ela teve a inspiração genial de escolher as aventureiras que tivessem filhos e, principalmente, filhas. Dessa forma, um imbecil que acaso lá seja levado acreditará estar em companhia de senhoras honestas!

Já tinham atingido a avenida dos Campos Elísios. Uma brisa leve passava docemente pela folhagem, afagava levemente os rostos, como o vento de um leque gigante agitado em qualquer parte no céu. Sombras silenciosas erravam sob as árvores, outras formavam manchas sombrias sobre os bancos. E todas aquelas

sombras falavam muito baixo, como se se confiassem segredos importantes ou vergonhosos.

Servigny continuou:

— Você não pode imaginar a quantidade de títulos fantasiosos que se encontram nesse antro.

"A propósito, vou apresentá-lo sob o nome de' conde Saval; Saval, seria mal recebido, muito mal recebido".

— Mas não! Não quero que me suponham, mesmo por uma noite, mesmo entre essa gente, disfarçado com um título. Não.

Servigny se pôs a rir:

— Você é estúpido. Também eu lá fui batizado como duque de Servigny. Não sei como nem porquê. Fizeram-me o senhor duque de Servigny sem me consultarem e eu não protestei. Não me incomodo por isso. Sem o título, eu seria completamente desprezado.

Mas Saval não se deixava convencer.

— Você é um nobre, é diferente. Comigo não é assim, eu serei o único plebeu do salão. Tanto pior, ou tanto melhor. Será um sinal de distinção... e... de superioridade. Servigny insistiu:

— Asseguro-lhe que isso não é possível, não é possível, entende? Parecerá monstruoso. Dará a impressão de um trapeiro numa reunião de imperadores. Deixe isso comigo; eu o apresentarei como vice-rei do Alto Mississipi e ninguém se espantará. Quando se quer parecer grande, nunca é demasiado engrandecer-se.

— Não, não quero de forma alguma.

— Está bem. É bobagem de minha parte procurar convencê-lo. Desafio a que entre lá sem que te decorem com um título, à

semelhança do que se faz à porta de certas lojas, distribuindo ramos de violetas às mulheres.

Dobraram a esquina da rua Berri, subiram ao primeiro andar de um moderno edifício, e deixaram nas mãos de quatro criados de calções curtos as capas e as bengalas. Um perfume quente de festa, um perfume de flores, de mulheres, impregnava o ar. Vinha das peças vizinhas, que se adivinhavam cheias de gente, um murmúrio confuso e contínuo.

Uma espécie de mestre de cerimónias, alto, empertigado, barrigudo, sério, com a face enquadrada em suíças brancas, aproximou-se dos recém-chegados, cumprimentou respeitosamente e perguntou:

— Quem devo anunciar? Servigny respondeu: "senhor Saval".

O homem abriu a porta e anunciou com voz sonora:

— O senhor duque de Servigny.

— O senhor barão Saval.

O primeiro salão estava repleto de damas. Logo de entrada deparava-se com uma ostentação de seios nus, emergindo de uma onda de tecidos cintilantes.

A dona da casa, que estava de pé, conversando com três amigos, voltou-se e dirigiu-se aos recém-chegados com um passo elegante e majestoso e um sorriso nos lábios.

Sua cabeça pequena era coberta por uma cabeleira negra luzente, enrolada como um toirão, e que ocultava um pouco as fontes.

Era alta, um pouco forte, um pouco gorda, um pouco madura, mas muito bonita, de uma beleza tosca, quente, selvagem. Sob aquele capacete de cabelos que faziam sonhar,

que encantavam, que a tornavam deliciosa, abriam-se dois enormes olhos, negros igualmente. O nariz era pequeno, a boca grande, infinitamente sedutora, boca feita para falar e para conquistar.

Seu maior encanto, porém, estava na voz. Fluía daquela boca como a água brota da fonte, tão natural, tão sonora, tão cristalina, que, ao ouvi-la, tinha-se a sensação de um prazer físico. Era uma alegria para os ouvidos escutar as palavras aladas manarem dali com uma graça de regato cantante, e era uma alegria para os olhos o ver abrirem-se, para lhes dar passagem, aqueles lindos lábios, um pouco vermelhos demais.

Estendeu uma das mãos a Servigny, que a beijou, e, deixando cair o leque preso à ponta de uma corrente de ouro lavrado, estendeu a outra a Saval, dizendo-lhe:

— Seja bem-vindo, barão, todos os amigos do conde são pessoas gratas aqui.

Depois fixou o seu olhar brilhante sobre o apresentado. Tinha o lábio superior encimado por um leve buço, que parecia mais escuro quando ela falava. Usava um perfume forte, penetrante, algum perfume da América ou das índias.

Outras pessoas chegavam, marqueses, condes ou príncipes. Dirigindo-se a Servigny, disse com uma graça maternal:

— Encontrarão minha filha no outro salão. Divirtam-se, senhores, a casa é sua.

Deixou-os para atender os convidados que acabavam de chegar, e dirigiu a Saval um olhar sorridente e fugidio, esse olhar que as mulheres fazem para dar a compreender que somos do seu agrado.

Servigny tomou o amigo pelo braço.

— Eu vou te servir de guia—disse. —Aqui, no salão onde estamos, reinam as mulheres, é o templo da Carne moça ou não. Artigos de ocasião e que valem como novos, e mesmo mais, cotados muito alto para serem alugados. À esquerda, o jogo. É o templo do Ouro. Você conhece bem isso. Ao fundo, dança-se. É o templo da Inocência, é o santuário, o mercado das raparigas. É ali que são expostos, sob todas as formas, os produtos destas senhoras. As uniões, mesmo legítimas, são consentidas! É o futuro, a esperança... de nossas noites. Essas meninas, cujas almas estão deslocadas como os membros dos pequenos *downs* filhos de saltimbancos, são o que há de mais curioso neste museu de misérias morais. Vamos vê-las.

Servigny cumprimentava à direita e à esquerda, com um sorriso nos lábios, cobrindo com um olhar vivo de conhecedor as mulheres decotadas que ele conhecia.

Ao fundo do segundo salão uma orquestra executava uma valsa. Pararam na porta para olhar. Uns quinze pares dançavam; os homens, sérios, as raparigas, com um sorriso a lhes bailar nos lábios. Elas estavam tão decotadas quanto as mães e em algumas o corpinho no vestido era sustentado apenas por uma fita estreita que contornava os ombros, de forma que, às vezes, tinha-se a impressão de perceber uma sombra escura sob as axilas.

Subitamente, do fundo da sala, uma rapariga correu em direção a eles, atravessando grupos, dando encontrões nos pares que dançavam, e segurando com a mão esquerda a enorme cauda do vestido. Corria a pequenos passos rápidos, como correm as mulheres nas multidões, e exclamou:

— Oh! Muscade chegou! Boa-noite, Muscade!

Sua fisionomia tinha um desabrochar de vida, uma iluminação de felicidade. Sua carne branca, dourada, uma carnação de rosa, parecia cintilar. Os cabelos retorcidos na nuca, cabelos feitos de chamas, cabelos faiscantes, pesavam-lhe na cabeça.

Assim como sua mãe dava a impressão de que fora feita para falar, ela parecia feita para movimentar-se, tal a elegância, a naturalidade, a nobreza, a simplicidade de seus gestos. Tinha-se a impressão de fruir uma alegria moral e um bem-estar físico ao vê-la caminhar, mover-se, inclinar a cabeça, agitar os braços. Ela repetia:

— Oh! Muscade chegou! Boa noite, Muscade. Servigny apertou-lhe fortemente a mão, como a um homem, e fez a apresentação:

— Mamzelle Yvette, o meu amigo barão de Saval. Ela cumprimentou o desconhecido e depois o encarou.

— Boa noite, barão. O senhor é sempre desse tamanho? Servigny respondeu com o tom brincalhão que, por causa de suas desconfianças e incertezas, sempre usava para com ela:

— Não, Mamzelle. Ele tomou essa altura para ser agradável à sua mãe, que adora as coisas grandes.

A moça respondeu com uma seriedade cómica:

— Muito bem! Mas quando o senhor vier por mim fará o obséquio de diminuir um pouco; eu prefiro os médios. Olhe, Muscade é do meu tipo.

Estendeu a mão a Saval. Depois perguntou:

— Quer dançar, Muscade? Vamos! uma valsa! Sem responder, com um movimento rápido, Servigny passou-lhe o braço pela cintura e disparou com uma fúria de ventania.

Dançavam mais ligeiro do que os outros, rodeavam, corriam, giravam no mesmo lugar, unidos como se fossem uma única pessoa, com os corpos retos, as pernas quase imóveis, como se um mecanismo invisível, escondido sob seus pés, os fizesse voltear assim.

Eram infatigáveis. Os outros pares foram parando aos poucos. Por fim, eles ficaram sozinhos, valsando indefinidamente. Davam a impressão de que não sabiam onde estavam nem o que faziam, pareciam estar longe do baile, em êxtase. E os músicos continuavam tocando, de olhares fixos sobre aquele par desvairado; e todo mundo os olhava e todos aplaudiram quando eles pararam.

Yvette estava um pouco corada por causa do esforço, e seus olhos eram estranhos, olhos ardentes e tímidos, tão azuis e com uma pupila tão negra que pareciam artificiais.

Servigny parecia meio tonto. Apoiou-se contra uma porta para retomar o aprumo.

Ela disse:

— Nada de teimosias, meu pobre Muscade, eu resisto muito mais do que você.

Ele sorria com um sorriso nervoso e devorava-a com o olhar; nos cantos dos lábios e na luz dos olhos brilhavam-lhe desejos bestiais.

Ela estava diante dele, com o seio descoberto, arfando pelo esforço da dança.

Olhou-o sorrindo e disse-lhe:

— Em certos momentos você tem o ar de um gato que quer saltar sobre a gente. Vamos, dê-me o braço, vamos procurar o seu amigo.

Sem nada dizer, ele ofereceu-lhe o braço e atravessaram o grande salão.

Saval não estava só. A marquesa de Obardi fazia-lhe companhia. Falava-lhe de coisas mundanas, de coisas banais, com aquela sua voz fascinante e embriagadora. E, olhando-o no fundo dos olhos, parecia dizer-lhe outras palavras que não as que pronunciava.

Ao ver Servigny, o seu rosto tomou uma expressão sorridente e, virando-se para ele, disse:

— Saiba, meu caro duque, que eu acabo de alugar uma vila em Bougival e aí passarei dois meses. Espero que vá visitar-me. Leve também o seu amigo. Olhem, eu me instalarei segunda-feira. Poderão ir os dois jantar connosco no próximo sábado? Ficarão lá todo o domingo.

Servigny voltou-se bruscamente para Yvette. Ela sorria, tranquila, serena, e disse com uma segurança que não autorizava nenhuma hesitação:

— Mas certamente que Muscade virá jantar no sábado. Não precisa dar-se ao trabalho de convidá-lo. Faremos uma porção de asneiras lá no campo.

Ele acreditou ver uma promessa nascer no seu sorriso e percebeu uma intenção na sua voz. A marquesa levantou os grandes olhos negros e pousou-os em Saval.

— E o senhor, barão?

E o sorriso que lhe dirigiu não tinha nada de duvidoso.

Ele inclinou-se:

— Terei imenso prazer, marquesa.

Yvette murmurou, com uma malícia ingénua ou pérfida:

— Nós iremos scandalizar todo o mundo lá, não é, Muscade? Vamos enraivecer meu regimento. E com um olhar ela encarou alguns homens que os observavam de longe.

Servigny respondeu:

— Tudo o que quiser, Mamzelle.

Por causa da intimidade que tinham, quando se dirigia a ela nunca dizia mademoiselle; tratava-a sempre de Mamzelle.

Saval perguntou:

— Por que a srta. Yvette chama o meu amigo de Servigny de "Muscade" (*noz-moscada*)?

A moça fez um ar cândido:

— É porque ele escapa sempre das nossas mãos, senhor. Pensa-se tê-lo seguro e ele escorrega e foge.

A marquesa exclamou num tom negligente, pensando certamente em outra coisa e com os olhos fixos em Saval:

— Essas crianças são engraçadas!

Yvette explicou:

— Eu não sou engraçada; eu sou franca! Muscade me agrada, e sempre escapa de mim, e isso me aborrece.

Servigny fez um grande cumprimento:

— Não a deixarei mais, Mamzelle, estarei dia e noite a seu lado.

Ela fez um gesto simulado de terror:

— Não! Isso não! De dia está bem, mas de noite você me constrangeria. Servigny perguntou com impertinência:

— E porquê?

Com uma audácia tranquila ela respondeu:

— Porque você não deve ficar nada bem em trajes de dormir.

A marquesa, sem parecer perturbada, exclamou:

— Mas eles dizem inconveniências. Onde se viu ser inocente a tal ponto?

Servigny, num tom zombeteiro, concordou:

— Sou da mesma opinião, marquesa.

Yvette olhou-o fixamente e com um tom insolente, ferida:

— Você acaba de cometer uma grosseria; e tem cometido muitas de uns tempos para cá.

E, voltando-se, ela chamou:

— Cavalheiro venha defender-me, acabo de ser insultada. Um homem magro, castanho, de passos lentos, aproximou-se.

— Quem é o culpado? —perguntou com um sorriso contrafeito. Yvette designou Servigny com um movimento de cabeça:

— É ele, mas eu gosto mais dele do que de todos vocês, porque ele é menos cacete.

O cavaglieri Valreali inclinou-se:

— Fazemos o possível. Talvez tenhamos menos qualidades, mas não temos menor devotamento.

Acercou-se um senhor alto, barrigudo, de suíças grisalhas, falando alto: — Mademoiselle Yvette, ao seu dispor. Ela exclamou:

— Ah! M. de Belvigne.

E, voltando-se para Saval, apresentou:

— Meu pretendente oficial, alto, gordo, rico e tolo. É desses que eu gosto. Um verdadeiro tambor-mor... de mesa de hotel. Mas o senhor é ainda mais alto do que ele. Como é que irei batizá-lo?... Bem!... eu o chamarei de M. de Rodes Filho, isto porque certamente o colosso era o seu pai. Os senhores devem

ter coisas interessantes a dizer um ao outro, os senhores dois, por cima da cabeça dos outros. Com licença,

E encaminhou-se alegremente para a orquestra, para pedir aos músicos que tocassem uma quadrilha.

M.me Obardi parecia distraída. Para dizer alguma coisa dirigiu-se a Servigny com voz lenta: — O senhor agrada-lhe sempre, isto lhe dará mau génio e muitos defeitos.

Ele replicou:

— A senhora ainda não concluiu a educação dela?

Ela pareceu não compreender e continuou a sorrir com benevolência.

Um senhor solene, constelado de medalhas, dirigiu-se para eles. M.me Obardi percebeu-o e correu na sua direção:

— Oh! príncipe, que alegria, príncipe!

Servigny tomou o braço de Saval e sussurrou-lhe ao ouvido: — Eis o último pretendente sério, o príncipe Kravalow, Ela é um tipo soberbo, não é verdade?

Saval respondeu:

— Acho soberbas as duas. A mãe me bastaria perfeitamente.

Servigny, fazendo uma referência, disse-lhe:

— Sirva-se, meu caro.

Os dançarinos se movimentavam, tomavam lugar para a quadrilha. Os pares colocavam-se em linha, dois a dois.

— Agora vamos ver os amigos do alheio – disse Servigny. E entraram no salão de jogo.

Os homens, de pé, cercavam as mesas. Falava-se pouco. Às vezes um leve tilintar do ouro jogado sobre o pano ou recolhido bruscamente, ajuntava um ligeiro murmúrio metálico ao

murmúrio dos jogadores, como se a voz do dinheiro se elevasse entre as vozes humanas.

Os homens estavam decorados com ordens diversas, com rosetas bizarras, e tinham todos a mesma expressão severa nas fisionomias diferentes. Distinguiam-se, principalmente, pelas barbas.

Os americanos, austeros, com sua ferradura, os ingleses, arrogantes, com o seu leque de pelos aberto sobre o peito, os espanhóis, com o seu toirão negro subindo até as orelhas, os romanos, com aquele enorme bigode com que Vítor Emanuel dotou a Itália, os austríacos, com suas suíças e o seu queixo raspado, um general russo, com o lábio superior ornado com duas enormes lanças de pelos retorcidos, e os franceses, de bigode galante, revelavam a fantasia de todos os barbeiros do mundo.

— Você não joga? — perguntou Servigny.

— Não, e você?

— Aqui nunca. Vamos embora, voltaremos num dia mais calmo. Há gente demais, não se pode fazer nada. — Vamos!

E saíram por uma porta que conduzia ao vestíbulo. Quando atingiram a rua, Servigny disse:

— Então, que diz?

— É interessante, com efeito. Mas me agrada mais o lado das damas que o dos homens.

— Naturalmente. Essas damas são o que há de melhor no gênero. Não percebeu que no meio delas sentimos o amor como sentimos os perfumes em um cabeleireiro? Na verdade, essas são as únicas casas em que a gente se diverte verdadeiramente com o dinheiro que desembolsa. E que experientes! Que artistas!

Alguma vez você já comeu torta de padaria? Elas têm um aspeto bonito mas não valem nada. Quem as amassar só pode fazer pão. Muito bem! o amor de uma mulher comum me parece sempre um desses doces de padaria, ao passo que o amor que se encontra nas marquesas Obardi são gulodices finas. Como sabem fazer doces, essas doceiras! Paga-se a elas cinco *sous* pelo que em outra parte custa dois *sous*, eis tudo. Saval perguntou:

— Quem é o mandachuva atualmente?

Servigny sacudiu os ombros com um gesto de ignorância.

— Não sei. O último conhecido foi um par de Inglaterra, que foi embora depois de três meses. Hoje ela deve viver, em comum, do jogo e dos jogadores, porque tem caprichos. Digame uma coisa, ficou combinado que vamos jantar com elas no sábado, em Bougival, não foi? Fora tem-se mais liberdade, e eu conseguirei saber o que é que Yvette pensa e o que pretende!

Saval respondeu:

— Eu não desejo nada melhor, estou livre no sábado. Desceram pelos Campos Elísios, sob o campo brilhante das estrelas, e interromperam um par que estava estendido em um banco. Servigny murmurou:

— Que bestialidade e, ao mesmo tempo, que coisa considerável, Como o amor é banal, divertido, sempre igual e sempre diferente! O miserável que paga vinte *sous* a essa não busca nada além do que o que eu compro por dez mil francos a uma Obardi qualquer, talvez não menos jovem nem menos bonita do que esta vagabunda. Que tolice! Calou-se durante alguns minutos, depois prosseguiu: —De qualquer forma, seria uma verdadeira sorte grande ser o primeiro amante de Yvette. Para isso eu daria... eu daria...

Servigny não atinou com o que daria. E Saval despediu-se dele. Tinham chegado à esquina da rua Royale.

II

A mesa tinha sido posta na varanda que dava para o rio. A vila Primavera, alugada pela marquesa Obardi ficava situada à meia encosta, justamente no ponto em que o Sena faz uma curva e corre para Marly.

Na frente da vivenda, a ilha de Croissy formava um horizonte de grandes árvores, uma massa de verdura, e via-se um grande trecho do rio até o café flutuante da Grenouillère, oculto sob as folhagens.

A tarde agonizava, uma dessas tardes calmas de beira de rio, coloridas e doces, uma dessas tardes tranquilas que dão a sensação da felicidade. Nenhum sopro de brisa agitava os ramos, nenhum movimento de ar arrepiava a superfície brilhante e clara do Sena.

Entretanto não estava muito quente, a temperatura era agradável; sentia-se prazer em viver. Das encostas do Sena subia para os céus uma aragem confortadora.

O sol tombava por trás das árvores, ia iluminar outras plagas, e aspirava-se, parecia, o bem-estar da terra meio adormecida, aspirava-se na paz do espaço a vida negligente do mundo.

Quando saíram do salão para sentar-se à mesa, todos ficaram extasiados. Uma alegria comovedora invadiu os corações; sentiram satisfação em jantar naquele ambiente, com aquele

belíssimo rio e naquele maravilhoso crepúsculo por cenário, e respirando aquele ar livre e saboroso.

A marquesa tinha dado o braço a Saval, Yvette a Servigny. Estavam sós, os quatro.

As duas mulheres pareciam muito diferentes do que se mostravam em Paris, Yvette principalmente. Quase não falava, parecia abatida, grave. Saval, estranhando, perguntou-lhe:

— Que tem, senhorita? Acho-a muito mudada. Está transformada numa pessoa sisuda.

Ela respondeu:

— Foi o campo que me fez isso. Não sou mais a mesma. Sinto-me diferente. Aliás eu sempre fui assim. Nunca sou a mesma dois dias seguidos. Hoje tenho o ar de uma louca, amanhã o de uma elegia, mudo como o tempo, não sei porquê. Saiba, eu sou capaz de tudo, conforme o momento. Há dias em que eu mataria qualquer pessoa, não animais, jamais matarei um animal, mas pessoas, sim, e em outros dias choro por qualquer coisa. Agita-se em meu cérebro um turbilhão de ideias diferentes. Meu humor depende, também, da disposição com que me acordo, Todas as manhãs, ao despertar, posso precisar o que serei até à noite. Talvez sejam os nossos sonhos que determinam as nossas atitudes. Influem muito, também, os livros que acabamos de ler.

Trajava um vestido de flanela branca, que a envolvia delicadamente na maciez ondulante do tecido. O corpete largo, de grandes pregas, indicava, sem os descobrir, sem os esconder, os seios livres, firmes e rijos. O seu pescoço delgado emergia de uma espuma de rendas, inclinado num movimento livre, mais

claro ainda que o vestido, uma joia de carne sustentando o pesado resplendor de seus cabelos de ouro.

Servigny olhou-a demoradamente, depois disse:

— Está adorável esta noite, mamzelle. Desejava vê-la sempre assim.

Ela respondeu, com um pouco de sua malícia ordinária:

— Não me faça declaração, Muscade... Hoje eu o levaria a sério, e pode custar-lhe caro!

A marquesa parecia feliz, muito feliz. Toda de negro, elegantemente vestida com um traje severo que desenhava suas linhas amplas e fartas, com um pouco de vermelho no corpete, uma grinalda de cravos vermelhos caindo da cintura, como uma cadeia, e subindo para prender no quadril, uma rosa vermelha nos cabelos negros, um traje simples, onde as flores pareciam chagas, com o seu olhar que naquela noite pesava sobre as pessoas, com sua voz lenta, com seus gestos raros, parecia ter em si qualquer coisa de ardente.

Saval também parecia sério, absorto. De tempos em tempos, com um gesto que lhe era familiar, afagava a barba pontuda, cortada à Henrique III, e parecia sonhar com coisas extraordinárias.

Durante alguns minutos ninguém falou. Depois, quando serviam uma truta, Servigny declarou:

— O silêncio às vezes é bom. Estamos mais perto uns dos outros quando calados do que quando conversamos; não acha, marquesa?

Voltando-se para ele, esta respondeu:

— Isso é verdade. É delicioso pensarmos juntos em coisas agradáveis.

E olhou com os olhos ardentes para Saval; e ficaram assim alguns segundos, olhos nos olhos, a contemplar-se.

Houve um pequeno movimento, quase impercetível, sob a mesa.

Servigny insistiu:

— Mamzelle Yvette, se continua assim tão sensata, eu serei levado a acreditar que está apaixonada. Ora, a quem mamzelle poderá estar amando? Procuremos juntos, se lhe agrada. Deixo de lado o exército dos admiradores vulgares, vejamos somente os principais: o príncipe Kravalow? Ao ouvir esse nome, Yvette despertou:

— Meu pobre Muscade, você está maluco! O príncipe parece um russo de museu de cera, que obteve medalhas em um concurso de cabeleireiros.

— Bem. Suprimamos o príncipe; escolheu então o visconde Pedro de Belvigne.

Desta vez ela pôs-se a rir e perguntou:

— Você me imagina pendurada ao pescoço de Raisiné (ela chamava-o, segundo os dias, Raisiné, Malvoisie Argenteuil, pois costumava botar apelidos em todo o mundo) a murmurar-lhe ao nariz: "Meu caro Pierre, ou meu divino Pedro, meu adorado Piétri, meu pequeno Pierrot, deixe sua rica mulherzinha beijar sua linda cabeça de cachorrinho?" Servigny anunciou:

— Excluído o número dois. Resta o cavaliere Valreali, a quem a marquesa parece favorecer.

Yvette exclamou com toda a sua alegria:

— Lágrima-no-olho? Mas ele é carpidor na Madeleine! Acompanha todos os enterros de primeira classe. Eu me sinto morta toda vez que ele me olha.

— Também o três. Mamzelle sofreu então o coup de foudre pelo barão Saval aqui presente.

— Por M. de Rodes Filho, não, ele é muito grande. Teria a impressão de estar amando o arco do triunfo da Étoile.

— Então, Mamzelle, é indubitável que está apaixonada por mim, porque sou o único de seus admiradores em que ainda não se falou. Guardei-me para último por modéstia e por prudência. Resta-me agradecer-lhe.

Ela respondeu, com uma graça alegre.

— Por você Muscade? Não! Eu amo-o... Mas ao mesmo tempo não o amo... Olhe, eu não quero desiludi-lo. Eu não o amo... ainda. Você tem probabilidades... talvez... Persevere, Muscade, seja devotado solícito, submisso, atencioso, cortês, dócil aos meus menores caprichos, disposto a tudo para me agradar... e veremos... mais tarde.

— Mas, Mamzelle, tudo o que reclama eu terei mais prazer em conceder-lhe depois, se não lhe faz diferença. Ela perguntou com um ar ingênuo de *soubrette* (criadita):

— Depois de quê?... Muscade?

— Depois de ter demonstrado que me ama, naturalmente!

— Está bem! faça como se eu o amasse, e acredite se quiser...

— Mas é que...

— Silêncio, Muscade, já falamos muito sobre isso. Ele fez uma continência militar e calou-se.

O sol já havia se escondido atrás da ilha, mas todo o céu ainda estava vermelho como um braseiro, e a água clara do rio parecia transformada em sangue. Os reflexos do horizonte tornavam vermelhas as coisas, os objetos, as pessoas. E a rosa

escarlate nos cabelos da marquesa parecia uma gota de púrpura caída das nuvens sobre sua cabeça.

Como Yvette estivesse com o olhar perdido ao longe, sua mãe pousou, como por descuido, a mão descalça sobre a de Saval; mas, como a moça fizesse um movimento, a marquesa retirou rapidamente a mão e fingiu qualquer coisa nas pregas do seu corpete.

Servigny, que percebeu o gesto, convidou:

— Se mamzelle quiser, podemos dar um passeio na ilha depois do jantar.

Yvette ficou encantada com a ideia.

— Naturalmente; será delicioso; nós iremos sozinhos, não é, Muscade?

— Sim, sozinhos, mamzelle. Todos ficaram novamente calados.

A calma silenciosa do horizonte, o sonolento repouso do crepúsculo entorpeciam os corações, os corpos, as vozes. Era uma dessas horas tranquilas, dessas horas de recolhimento em que é quase impossível falar.

Os criados serviam sem fazer ruído. O incêndio do firmamento se extinguia e a noite lenta derramava suas sombras sobre a terra. Saval perguntou:

— Tem a intenção de demorar muito tempo aqui? A marquesa respondeu, sublinhando as palavras:

— Sim. Enquanto for feliz.

Estava já escuro. Trouxeram as lâmpadas. Estas projetaram sobre a mesa uma estranha luz amortecida sob a imensa escuridão do espaço; e imediatamente uma chuva de mariposas caiu sobre a mesa. Esses minúsculos insetos queimavam-se ao

passar sobre os vidros das lâmpadas e com suas asas e patas tostadas polvilhavam o linho, os pratos, os copos, de uma espécie de poeira prateada e cintilante.

Caíam no vinho, nos molhos, no pão. As mãos e os rostos eram constantemente tocados por nuvens desses insetos.

Era preciso renovar continuamente as bebidas, cobrir os pratos, comer protegendo os manjares com infinita precaução.

Isso divertiu Yvette, e Servigny, para proteger o prato e o copo, cobria a cabeça com o guardanapo desdobrado. Mas a marquesa sentia-se incomodada, nervosa, e apressaram o fim do jantar.

Yvette, que não havia esquecido a proposta de Servigny, disse:

— Agora vamos passear na ilha.

Sua mãe recomendou com um tom de ternura:

— Mas não demorem muito, além disso, iremos acompanhá-los até o barqueiro.

E partiram, dois a dois. A rapariga e o seu amigo caminhavam na frente, pela estradinha que margeava o rio. Ouviam atrás as vozes da marquesa e de Saval, que falavam baixo, muito baixo, muito depressa. Estava completamente escuro, de um escuro espesso, de um escuro de tinta. Mas o céu formigava de pontos luminosos e parecia semeá-los sobre o rio, pois as águas sombrias estavam pontilhadas de astros.

As rãs coaxavam, e de todos os pontos da margem subiam suas notas metálicas e monótonas.

O canto leve dos rouxinóis cortava o ar calmo. Yvette observou:

— Olha! não caminham mais atrás de nós. Onde estarão? E chamou: — Mamã!

Nenhuma voz respondeu. A rapariga continuou: — Eles não podem andar longe, eu os ouvi ainda há pouco.

Servigny disse:

— Devem ter voltado. Talvez sua mãe tenha sentido frio.

E caminharam novamente.

Diante deles brilhava uma luz. Era a cabana de Martinet, o pescador. Ao chamado dos passeantes, um homem saiu da casa e eles subiram para um barco que estava amarrado entre os arbustos do barranco.

O barqueiro começou a remar, e o barco, avançando, acordava as estrelas que dormiam na água, as fazia dançar uma dança maluca que ia se acalmando pouco a pouco à medida que ele se distanciava. Atingiram a outra margem e desembarcaram sob as grandes árvores.

Um frescor de terra húmida flutuava entre a copa alta das árvores, que pareciam abrigar tantos rouxinóis quantas eram suas folhas.

Num piano distante tocavam uma valsa popular. Servigny havia segurado o braço de Yvette, docemente, deslizou a mão pela sua cintura e estreitou-a com uma pressão suave.

— Em que pensa? — perguntou.

— Eu? em nada. Estou imensamente feliz!

— Então? Não me ama mesmo?

— Mas sim, Muscade, eu o amo, eu o amo muito; somente, deixe-me em paz. A noite está muito bonita para eu escutar as suas besteiras.

Ele estreitou-a contra si, apesar de ela tentar desvencilhar-se; e, através da flanela macia e suave, sentiu a tepidez de sua carne. Balbuciou:

— Yvette!

— O que é?

— Eu a amo.

— Você está brincando, Muscade.

— Não; há já muito tempo que eu a amo.

Ela procurou separar-se dele, esforçava-se para livrar-se de seus braços. Caminhavam com dificuldades, constrangidos pelo abraço e por aqueles movimentos, ziguezagueavam como pessoas embriagadas.

Servigny não sabia mais o que dizer. Sentia que não se fala a uma moça como a uma mulher. Estava perturbado. Não sabia o que fazer. Perguntava a si mesmo se ela consentiria ou se não compreendia. E dava voltas ao espírito para encontrar as palavras ternas, justas, decisivas que lhe faltavam. E repetia de segundo em segundo:

— Yvette! Vamos! Tola!

Depois, bruscamente, beijou-lhe a face. Ela fez um pequeno movimento de repulsa, e disse com um ar zangado:

— Você é ridículo! Deixe-me em paz.

O tom de sua voz não revelava o que ela pensava, o que ela sentia; e, como não a visse muito irritada, Servigny pousou os lábios na nuca, sobre aquela penugem dourada, naquela região encantadora que ele cobiçava a tanto tempo. Yvette debateu-se violentamente para escapar. Ele, porém, a segurou energicamente e, sustentando-a com ambas as mãos, obrigou-a

a virar a cabeça, e roubou-lhe da boca um beijo entontecedor e profundo.

Ela escorregou dentre seus braços com uma rápida ondulação do corpo, deslizou pelo seu peito e, livrando-se dele, desapareceu na escuridão com um ruído de fazendas agitadas, ruído semelhante ao de um pássaro que bate as asas.

Servigny ficou imóvel, surpreso com essa agilidade e com essa desapareição, depois, como não ouvisse mais rumor chamou baixinho:

— Yvette!

Ela não respondeu. Servigny pôs-se a caminhar, sondando a treva com os olhos, procurando entre os arbustos a mancha branca do seu traje. Tudo era negro. Gritou novamente, mais forte:

— Mamzelle Yvette! Os rouxinóis calaram-se.

Ele apressou o passo, vagamente inquieto, e sempre aumentando de tom:

— Mamzelle Yvette! Mamzelle Yvette!

Nada; parou; escutou. Toda a ilha estava silenciosa; apenas no alto, sobre sua cabeça, um leve farfalhar de folhas. Somente as rãs quebravam o silêncio, continuando com o seu coaxar sonoro.

Então ele errou de clareira em clareira, desceu os barrancos pedregosos da margem, subiu encostas, atolou-se em pântanos. Chegou até em frente a Bougival, voltou ao estabelecimento da Grenouillère, varejou tudo, repetindo sempre:

— Mamzelle Yvette! Onde está? Responda! Deixe de brincadeiras! Vamos, responda! Não me faça procura assim!

Um relógio distante bateu horas. Ele contou as badaladas: meia-noite. Havia duas horas que percorria a ilha. Pensou que ela tivesse voltado para casa e regressou ansioso, tomando o caminho da ponte. Um criado cochilava sentado em uma cadeira, no vestíbulo.

Despertando-o, Servigny perguntou-lhe:

— Faz muito tempo que mademoiselle Yvette voltou? Deixei-a no começo do jardim porque tinha de fazer uma visita.

O criado respondeu:

— Sim, senhor duque. A senhorita entrou antes das dez horas.

Servigny subiu para o quarto e meteu-se na cama, permanecendo de olhos abertos, sem poder dormir.

Aquele beijo roubado o enchera de agitação. Procurava refletir. Que queria ela? que pensaria? que sabia?

Como era linda, perturbadora!

Seus desejos, embotados pela vida que levava, por todas as mulheres que possuía, por todos os amores explorados, despertavam diante dessa rapariga singular, tão jovem, irritante e estranha.

Ouviu bater uma hora, depois duas. Não conseguia dormir. Sentia calor, suave, suas fronteiras latejavam.

Levantou-se e abriu a janela.

Entrou uma lufada de ar fresco, que ele sorveu numa longa aspiração. A escuridão espessa estava muda, negra, imóvel. De repente ele percebeu adiante, nas trevas do jardim, um ponto luminoso, assim como um carvão incandescente. Pensou: "É um cigarro. Só pode ser Saval", e chamou baixinho: — Léon!

Uma voz respondeu:

— É você, Jean?

— Sim. Espere-me, eu descerei.

Vestiu-se, saiu e, reunindo-se ao amigo, que fumava cavalgando uma cadeira de ferro: — O que você faz aí, a esta hora? Saval respondeu:

— Estou descansando! E pôs-se a rir.

Servigny apertou-lhe a mão:

— Os meus cumprimentos, meu caro. Eu, eu me aborreço.

— Quer dizer que.

— Quer dizer que... Yvette e sua mãe não se parecem.

— Que aconteceu? Conte-me!

Servigny relatou suas tentativas e seus insucessos, e concluiu: — Decididamente, essa pequena me perturba. Imagine que eu não pude dormir. Como são difíceis as raparigas. Esta tem o ar mais simples do mundo e não se sabe nada a respeito dela. Uma mulher que viveu, que amou, que conhece a vida, compreende-se logo. Quando se trata de uma virgem, ao contrário, não se descobre nada. No fundo, eu começo a acreditar que ela brinca comigo.

Saval balançou-se na cadeira e disse pausadamente:

— Toma cuidado, meu caro, ela te leva ao casamento. Lembre-se dos grandes exemplos. Foi pelo mesmo processo que Mile, de Montijo, que ao menos tinha sangue nobre, se fez imperatriz. Não se arme em Napoleão.

Servigny exclamou:

— Quanto a isto não tenha receio, eu não sou nem um ingênuo nem um imperador. É preciso ser uma ou outra coisa para dar uma cabeçada dessas. Diga-me, está com sono?

— Não, não estou.

— Quer dar um passeio pela beira do rio?

— Com todo gosto.

Abriam o portão e desceram ao longo da margem, em direção a Marly.

Era na hora fresca que precede ao dia, hora do sono pesado, do grande repouso, da calma profunda. Os próprios ruídos leves da noite haviam se calado. Os rouxinóis não cantavam mais, as rãs tinham silenciado os seus alaridos, apenas um animal desconhecido, um pássaro talvez, fazia, em qualquer parte, uma espécie de ranger de serra, fraco, monótono, regular como um trabalho mecânico.

Servigny, que por vezes tinha arroubos de poeta e também de filósofo, disse repentinamente:

— Olhe. Essa rapariga me desconcerta completamente. Em aritmética, um e um são dois. Em amor, um e um devem fazer um, e no meu caso, todavia, faz dois. Alguma vez você já sentiu isto? Este desejo de absorver uma mulher ou de ser absorvido por ela? Não falo do desejo bestial da posse, mas desse tormento moral e mental de fundir-se em outra pessoa, de abrir-lhe toda nossa alma, todo nosso coração e penetrar até o fundo do seu pensamento. Jamais se sabe qualquer coisa dela, jamais se descobrem as oscilações de sua vontade, de seus desejos, de suas opiniões. Jamais se desvenda, ao menos um pouco, todo o incógnito, todo o mistério de uma alma que se sente próxima, de uma alma encerrada atrás de uns olhos que nos fitam, claros como a água, transparentes como se nada de secreto houvesse por detrás deles, de uma alma que nos fala através de uma boca que amamos, que se nos assemelha, tanto a desejamos; de uma alma que nos lança um a um, através de palavras, seus

pensamentos, e que, entretanto, continua tão longe de nós quanto as estrelas são distantes umas das outras, mais impenetrável que os astros! Tudo isso é singular! Saval respondeu:

— Eu não exijo tanto. Não olho para além dos olhos. Não me preocupa o conteúdo, mas sim o continente.

Servigny murmurou:

— Não adianta, Yvette é uma pessoa singular. Como irá tratar-me esta manhã?

Quando chegavam perto de Marly, viram que o céu empalidecia.

Os galos começaram a cantar nas capoeiras; e sua voz chegava um pouco enfraquecida pela espessura dos muros. Um pássaro chilreava num parque, à esquerda, repetindo sem cessar um estribilho de uma simplicidade ingénua e cómica.

— É tempo de voltar—disse Saval.

Regressaram. Quando Servigny entrou no quarto, divisou, pela janela aberta, o horizonte que se coloria de rosa.

Fechou a persiana, correu as pesadas cortinas, deitou-se e adormeceu.

Sonhou com Yvette durante todo tempo em que dormiu.

Acordou-o um ruído singular. Sentou-se no leito, escutou, não ouviu mais nada. Depois, repentinamente percebeu que começava na persiana do seu quarto uma crepitação semelhante à de uma chuva de granizo.

Saltou do leito, correu à janela, abriu-a e viu Yvette, em pé, no passeio do jardim, a jogar-lhe punhados de areia na cara.

Estava vestida de cor-de-rosa, com um chapéu de palha de abas largas, enfeitado com uma pluma à mosqueteiro, e ria com um ar sorrateiro e malicioso:

— Que tal, Muscade! Você ainda dorme? Que terá feito esta noite para se levantar tão tarde? Será que saiu em busca de aventuras, meu pobre Muscade?

Servigny estava ofuscado com a claridade do dia, que violentamente chocara seus olhos; ainda meio adormecido de fadiga e surpreso com a tranquilidade zombeteira da rapariga, disse:

— Um momento, um momento, Mamzelle. Só o tempo de meter o nariz na água e já descerei.

Ela gritou:

— Apresse-se, são dez horas. Depois eu tenho um grande projeto a lhe comunicar. Vamos fazer um complô. E saiba que almoçamos às onze horas.

Ele a encontrou sentada em um banco, com um livro sobre os joelhos, um romance qualquer. Ela tomou-lhe o braço de modo familiar, amigavelmente, de uma maneira franca e alegre como se nada tivesse acontecido na véspera, e arrastou-o para o fundo do jardim.

— Olhe o meu projeto: nós vamos desobedecer mamã, e você vai me levar a Grenouillère. Eu quero conhecer aquilo. Mamã diz que as mulheres honestas não podem ir lá. Para mim tanto faz que se possa ou não se possa ir. Você me acompanhará, não é, Muscade? Nós faremos uma enorme algazarra com os barqueiros.

Ela exalava um cheiro bom, sem que se pudesse determinar que odor vago e leve lhe pairava em torno. Não era nenhum dos perfumes pesados da mãe, mas um perfume discreto que ele suspeitava fosse lírio, ou talvez de verbena.

De onde vinha aquele perfume impreciso? Da roupa, dos cabelos ou da pele? Servigny perguntava isso a si mesmo e, como ela lhe falasse muito de perto, ele recebia em pleno rosto o seu hálito, que era igualmente delicioso de ser respirado. Pensou então que esse perfume fugidio, que procurava identificar, só existia, talvez, evocado por seus olhos encantadores e era somente uma espécie de emanação fictícia de sua graça jovem e sedutora.

Ela disse:

— Está combinado, não é, Muscade?... Como vai estar muito quente depois do almoço, mamã não vai querer sair. Ela é muito preguiçosa quando faz calor. Nós a deixaremos com o seu amigo e você me acompanhará. Pensarão que vamos passear na floresta. Se você soubesse como tenho vontade de conhecer a Grenouillère!

Chegaram à grade que dava para o Sena. O sol batia em cheio sobre as águas tranquilas e brilhantes.

Uma tênue bruma de calor, uma fumaça de água evaporada se elevava da superfície das águas tornando-as ainda mais brilhantes. De tempos em tempos passava um barco, uma iole rápida ou um pesado batel, e ouviam-se ao longe os apitos, curtos ou longos, dos trens que todos os domingos traziam a população de Paris para o campo, e os dos vapores que anunciavam sua aproximação para passarem a comporta de Marly.

Ouviu-se o som de um pequeno sino.

Anunciavam o almoço. Voltaram.

A refeição transcorreu silenciosa. O calor do meio-dia, de um pesado meio-dia de julho, esmagava a terra, oprimia as

peçoas, paralisava os espíritos e os corpos. As palavras entorpecidas não saíam dos lábios, e os movimentos pareciam penosos como se o ar se tivesse tornado resistente, difícil de ser atravessado.

Somente Yvette, apesar de também não falar, parecia animada, nervosa de impaciência.

Quando terminaram a sobremesa, ela convidou:

— E se nós fôssemos passear na floresta? Deve estar muito agradável à sombra das árvores, A marquesa, que parecia extenuada, exclamou:

— Está maluca? Pode-se lá sair com um calor destes? E a rapariga, artilosa, propôs:

— Está bem! Nós deixaremos o barão para te fazer companhia. Muscade e eu subiremos a encosta e nos sentaremos sobre a relva, na sombra, para ler.

E voltando para Servigny:

— Que tal? Feito? Ele respondeu:

— Às suas ordens, mamzelle. Yvette foi buscar o chapéu.

A marquesa sacudiu os ombros, suspirando:

— Esta menina é louca, não há dúvida.

E com um gesto lento, amoroso e lasso, estendeu a mão pálida ao barão, que a beijou vagarosamente.

Yvette e Servigny partiram. Primeiramente seguiram a margem, depois atravessaram a ponte, alcançaram a ilha e sentaram-se no barranco, à beira do canal, sob os salgueiros, porque era ainda muito cedo para irem a Grenouillère.

A rapariga tirou um livro do bolso e disse, rindo:

— Muscade, você vai ler para eu ouvir. E lhe estendeu o volume. Ele fez um movimento de fuga.

— Eu, Mamzelle? mas eu não sei ler! Ela repetiu com gravidade:

— Vamos, nada de escusas, nada de razões. Você se diz meu pretendente e não quer me prestar um serviço?

Tudo em troca de nada, não é? É a sua norma?

Ele pegou o livro, abriu e ficou surpreso. Era um tratado de entomologia. Uma história das formigas escrita por um inglês. E como ficasse imóvel, pensando que Yvette se divertia à sua custa, ela se impacientou: — Vamos, leia—disse-lhe. Servigny perguntou:

— É uma promessa ou um simples capricho?

— Nada disso, meu caro, eu encontrei este livro em uma livraria. Disseram-me que é o que há de melhor sobre formigas, e eu achei que deveria ser divertido aprender a vida desses animaizinhos, vendo-os correr entre as ervas; leia.

E deitou-se, de barriga para baixo, com os cotovelos apoiados no chão e a cabeça apoiada nas mãos, olhando fixamente para a relva.

Servigny leu:

"Sem dúvida os macacos antropoides são, de todos os animais, os que mais se parecem com o homem por sua estrutura anatômica, mas, se considerarmos os costumes das formigas, sua organização em sociedade, suas grandes comunidades, as casas e as estradas que constroem, e por vezes até o hábito de escravizar, somos forçados a admitir que elas têm o direito de receber um lugar perto do homem na escala da inteligência..." E continuou lendo com voz monótona, parando de tempos em tempos para perguntar:

— Ainda não basta?

Ela respondia que "não" com a cabeça; e, tendo apanhado com a ponta de uma palhinha uma formiga errante, divertia-se fazendo-a passear de uma extremidade a outra dessa haste, que ela volteava quando o animalzinho atingia uma das extremidades.

Yvette escutava com uma atenção concentrada e muda a todos os surpreendentes detalhes sobre a vida desses insetos, sobre suas instalações subterrâneas, sobre a maneira como criam, encerram e nutrem os pulgões para beberem o licor açucarado que segregam, como nós criamos vacas em nossos estábulos, sobre seus costumes de domesticarem os pequenos insetos cegos que limpam os formigueiros e sobre seus costumes guerreiros.

Pouco a pouco, como se uma ternura maternal despertasse no seu coração pelo minúsculo inseto, tão inteligente, Yvette fez com que a formiga passasse para o seu dedo, e acolheu-a emocionada, com vontade de beijá-la.

E como Servigny lesse o trecho que tratava da maneira como elas vivem em comunidade, como travam entre si lutas amigáveis de força e agilidade, a rapariga entusiasmou-se e quis beijar o inseto, que lhe escapou e se pôs a correr sobre o seu rosto. Ela deu um grito lancinante, como se estivesse ameaçada de um terrível perigo e, com gestos desordenados, dava tapas no rosto para livrar-se do animalzinho. Servigny, tomado de um ataque de riso, segurou a formiga, que estava perto dos cabelos da moça, e, no lugar em que ela estivera, depositou um beijo, sem que Yvette afastasse a cabeça. Ela levantou-se e declarou: — Gosto mais disso que de um romance. Vamos à Grenouillère.

Alcançaram a parte da ilha arranjada como um parque, e sombreada por árvores imensas. Os pares erravam pela sombra, ao longo do Sena, onde deslizavam os barcos. Eram mulheres com rapazes, operárias com os seus amantes, que andavam em mangas de camisa, casaco no braço, chapéu no alto da cabeça, com um ar negligente e cansado, e burgueses com suas famílias, as mulheres endomingadas e os filhos saltando em torno dos pais, como uma ninhada de pintos. Um rumor distante e contínuo de vozes humanas, um clamor surdo e retumbante anunciava o conhecido estabelecimento. De súbito, eles avistaram-no. Um enorme barco, coberto com um toldo, amarrado ao barranco, continha uma multidão de homens e mulheres sentados diante de mesas e bebendo; outros de pé, gritando, cantando, dançando, pulando ao ruído de um piano desafinado como um tacho.

Grandes raparigas ruivas, ostentando, adiante e atrás, a dupla provocação dos seios e das ancas, circulavam, com o olhar convidativo, os lábios pintados, já quase ébrias, murmurando obscenidades.

Outras dançavam com rapagões seminus, de calção de linho e meias de algodão, e um gorro de cores, como o dos jóqueis.

E tudo exalava um odor de suor e de pó-de-arroz, emanações de perfumes e de axilas.

Os bebedores, ao redor das mesas, ingeriam líquidos brancos, vermelhos, amarelos, verdes, e gritavam, vociferavam sem razão, levados por um desejo irreprimível de fazer algazarra, por um desejo brutal de terem os ouvidos e o cérebro cheios de alarido.

De segundo em segundo um nadador, de pé sobre o toldo, saltava na água, respingando os fregueses mais próximos, que protestavam com gritos selvagens.

Sobre o rio andava uma frota de embarcações. As ioles longas e finas deslizavam, impelidas pelas fortes remadas dos remadores de braços nus, com músculos salientes sob a pele queimada. As canoeiras, vestidas de flanela azul ou vermelha, com chapéus de sol também vermelhos ou azuis, recostavam-se no banco de trás dos barcos, e pareciam correr sobre a água, numa atitude imóvel e adormecida.

Barcos grandes, pesados, movimentavam-se lentamente, carregados de gente. Um colegial, querendo chamar a atenção, remava com movimentos de asas de moinho, e abalroava com todas as embarcações, recebendo descomposturas de todos os barqueiros. Perseguido pela vociferação da massa instalada no café flutuante, ele desapareceu numa curva do rio, depois de ter feito mergulhar dois nadadores.

Yvette, radiante, passeava de braço com Servigny no meio daquela multidão alegre e heterogênea, parecia feliz naquele acotovelamento suspeito e olhava as prostitutas com um olhar tranquilo e cordial.

— Olha aquela, Muscade, que cabelos bonitos que tem! Elas parecem contentes.

O pianista, um barqueiro vestido de vermelho e com Um enorme chapéu de palha, atacou uma valsa; Yvette abraçou bruscamente o seu companheiro e o arrastou rodopiando-o ao compasso da música.

Dançaram com tanta velocidade que todo mundo os observava. Os frequentadores do café, de pé em cima das mesas,

marcavam o compasso com os pés; outros batiam com os copos; e o pianista, que parecia enfurecido, golpeava com violência as teclas de marfim, agitava todo o corpo, e balançava furiosamente a cabeça coberta pelo imenso chapéu.

De repente parou de tocar e, deixando-se escorregar para o chão, estirou-se no solo, com a cara tapada pelo chapéu, como se estivesse morto de cansaço. Uma gargalhada geral explodiu no café, e todo mundo aplaudiu.

Quatro amigos se precipitaram sobre ele, como se fosse mesmo um acidente e, segurando-o pelos braços e pernas, levantaram-no do chão, colocaram-lhe o enorme chapéu em cima da barriga e carregaram-no.

Um farsante os seguiu entoando o *De Profundis*. Logo se formou uma procissão atrás do falso cadáver seguindo pelos caminhos da ilha, e arrastando consigo os frequentadores, os passeantes e todas as pessoas que encontrava.

Yvette incorporou-se, entusiasmada, rindo, falando com todos, arrebatada pelo movimento e pelo ruído. Os rapazes a olhavam fixamente, aproximavam-se dela, excitados, parecendo farejá-la, despindo-a com os olhos.

Servigny começou a acreditar que a aventura talvez terminasse mal.

Os quatro carregadores aceleraram o passo, e a procissão seguiu-os, quase correndo. De repente eles se dirigiram para a margem, pararam à beira do rio, balançaram um pouco o pianista e jogaram-no dentro da água.

Um grito de alegria escapou de todas as bocas, enquanto o músico, aturdido, debatia-se, praguejava, tossia, cuspia, e, todo enlameado, esforçava-se por alcançar a margem,

O chapéu, que tinha sido arrastado pela correnteza, foi recolhido por um barco.

Yvette pulava contente, batendo palmas e dizendo: — Oh! Muscade, como me divirto, como me divirto! Servigny a observava com um ar sério, um pouco desgostoso, um pouco chocado por vê-la tão à vontade no meio daquela gente desclassificada. Revoltava-se nele uma espécie de instinto, esse instinto de conveniência que uma pessoa bem-nascida conserva sempre, mesmo quando se abandona, esse instinto que a afasta das familiaridades desprezíveis, cujo contato enodoa.

E dizia consigo, pasmado:

— Nossa, você tem fibra!

Servigny tinha vontade de tratá-la com maior intimidade, como a tratava no seu pensamento, como tratamos, desde o primeiro momento em que as vemos, as mulheres públicas. Não a achava diferente das criaturas de cabelos ruivos que se acotovelavam com eles e que gritavam, com vozes roucas, nomes obscenos. Eles brotavam dentre a multidão; esses nomes grosseiros, curtos e sonoros, pareciam voltejar por cima das pessoas, como moscas sobre um monturo. Não chocavam nem surpreendiam ninguém. Yvette também parecia não lhes prestar atenção.

— Muscade, eu quero tomar banho, vamos cair n'agua. Servigny respondeu:

— Feito.

Foram à casa de banhos para trocar de roupas. Ela aprontou-se primeiro e esperou-o na praia, de pé, sorridente, sob os olhares de todos. Ao lado um do outro, entraram na água tépida.

Ela nadava com satisfação, com agilidade, acariciada pelas ondas, palpitante de um prazer sensual, e a cada braçada elevava-se como se fosse lançar-se fora d'água. Ele a seguia com esforço, arquejante, aborrecido por se sentir inferior. Ela, porém, reduzia a marcha e, de repente, virando-se de costas, começou a boiar, com os braços cruzados, os olhos abertos para o azul do céu. Servigny fitou-a assim deitada na superfície do rio, observou-lhe a linha ondulante do corpo, os seios rijos, aderentes ao tecido leve, mostrando sua forma arredondada e seus bicos salientes, o ventre levemente curvo, a coxa um pouco alongada, a perna nua, brilhante sob a água, e o pé minúsculo, que emergia.

Via-a toda, como se ela se mostrasse expressamente para O tentar, oferecendo-se ou divertindo-se com ele. Desejou-a ardentemente, apaixonadamente. De repente ela voltou-se, olhou-o e pôs-se a rir:

— Você está com um penteado maravilhoso—disse.

Ele ficou ofendido, irritado com o gracejo. E cedendo a um obscuro desejo de vingança, a um desejo de feri-la:

— Você se daria bem nessa vida? Perguntou ele com o seu ar ingênuo:

— Qual?

— Vamos, não se faça de inocente. Sabe bem o que eu quero dizer!

— Palavra de honra que não sei.

— Acabemos com esta comédia. Quer ou não quer?

— Eu não compreendo absolutamente nada.

— Você não é assim tão tola. Aliás eu já lhe disse ontem de noite.

- O que foi que disse? Esqueci-me.
- Que a amo.
- Você?
- Eu.
- Que mentira!
- Juro.
- Bem, prove.
- Não desejo outra coisa!
- Que coisa?
- Provar.
- Está bem, então prove.
- Você não dizia o mesmo ontem à noite!
- Você não havia me proposto nada.
- Que tontice!
- Além disso, não é a mim que se deve dirigir.
- Esta é muito boa! A quem é, então?
- À mamã, está claro. Ele soltou uma gargalhada.
- À sua mãe? Não, assim é demais!

Ela tornou-se subitamente séria e, olhando-o fixamente:

— Escute, Muscade, se você me ama verdadeiramente, se você quer casar comigo, fale com a mamã primeiro; eu lhe responderei depois.

Servigny pensou que ela continuava a divertir-se com ele e, furioso, exclamou:

— Mamzelle, você me toma por um outro.

Ela continuava a olhá-lo com o seu olhar doce e claro. Hesitou um pouco e depois disse-lhe:

— Eu não o compreendo, é inútil!

Servigny, com qualquer coisa de brusco e de mau na voz, disse-lhe:

— Vamos, Yvette, terminaremos com essa comédia ridícula, que vai se tornando longa demais. Você se faz de menina ingênua, e esse papel não lhe vai nada bem, acredite. Você sabe que não é possível cogitar casamento entre nós... mas amor. Eu lhe disse que a amo—e é verdade—e repito. Não finja que não entende e não me trate como um tolo.

Eles estavam de pé dentro da água, frente a frente, sustentando-se unicamente com pequenos movimentos das mãos. Ela ficou alguns segundos imóvel, como se não conseguisse entender o sentido das palavras que ouvira, depois corou de repente, corou até à raiz dos cabelos. Todo o seu rosto se tingiu de púrpura, bruscamente, desde o pescoço até as orelhas, que ficaram quase violeta, e, sem responder nada, dirigiu-se para a terra, nadando a toda velocidade, com grandes braçadas. Servigny não conseguiu alcançá-la, e seguiu-a arquejante de cansaço.

Viu-a sair d'agua, apanhar o roupão e dirigir-se para a cabine, de onde não voltou.

Ele demorou muito para trocar de roupa, indeciso sobre o que iria fazer, procurando o que diria, perguntando-se se devia pedir desculpas ou insistir.

Quando ficou pronto, ela já tinha ido embora, sozinha. Ele regressou lentamente, ansioso e embaraçado.

A marquesa passeava de braço com Saval pelos caminhos do jardim.

Vendo Servigny, disse-lhe com aquele ar despreocupado que tinha desde a véspera:

— Não disse que não deviam sair com um calor desses?

Yvette ficou com dor de cabeça. Recolheu-se ao quarto para deitar-se. Está vermelha como uma papoula, a pobre criança, e com uma enxaqueca horrível. Com certeza vocês andaram passeando ao sol, fizeram asneiras.

Que sei eu? Você é tão criança quanto ela.

A rapariga não desceu para o jantar. Quiseram levar-lhe a comida no quarto, mas ela respondeu que não tinha fome, e pediu que a deixassem em paz. Continuou com a porta trancada. Os dois rapazes partiram pelo trem das dez horas, prometendo voltar na quinta-feira seguinte. A marquesa sentou-se na frente da janela aberta, e ficou distraída, com os olhos na distância, sonhando. A orquestra do baile dos barqueiros quebrava o silêncio da noite com sua música saltitante.

Arrastada pelo amor e para o amor, como se é pelo cavalo ou pelo remo, ela era atacada de ternuras súbitas, que a acometiam como uma doença. Suas paixões deflagravam bruscamente, penetravam-na toda, dominavam-na, enervavam-na ou deprimiam-na, conforme tivessem um caráter exaltado, violento, dramático ou sentimental.

Era uma dessas mulheres criadas para amar e para serem amadas. Saída da plebe, elevada pelo amor, de que fizera uma profissão, quase sem o saber, agindo por instinto, por tendência inata, ela aceitava o dinheiro como os beijos, naturalmente, sem distinções, empregando o seu faro natural de uma maneira irracional e simples, como o fazem os animais, a que as necessidades da existência tornam espertos. Muitos homens passaram por seus braços sem que ela sentisse a menor ternura por eles, sem que sentisse nenhuma repulsa por suas carícias.

Suportava as ligações desagradáveis com uma indiferença tranquila, como em viagem comemos o que nos apresentam, por ser preciso viver. Mas, de tempos em tempos, o seu coração ou sua carne se iluminava, e ela era presa de uma grande paixão, que durava algumas semanas ou alguns meses, segundo as qualidades físicas ou morais do seu amante.

Eram os momentos deliciosos de sua vida. Amava com toda a alma, com todo o corpo, com arrebatamento, com êxtase. Atirava-se ao amor como outros se atiram a um rio para mergulhar, e deixava-se levar, disposta a morrer se fosse necessário, enlevada, apaixonada, infinitamente feliz. Imaginava cada vez não ter anteriormente sentido emoção igual, e ficaria surpreendida se alguém lhe recordasse a quantidade de homens que ela havia amado perdidamente, e pelos quais passara noites inteiras olhando as estrelas.

Saval tinha-a cativa de corpo e alma. Sonhava com ele, embalada por sua imagem e pela sua recordação, na exaltação calma da felicidade perfeita, da felicidade atual e certa.

Um ruído atrás dela fez com que se voltasse.

Yvette acabava de entrar, ainda com o vestido da tarde, mais pálida e com os olhos brilhantes como depois de uma grande fadiga. Ela apoiou-se na janela, na frente de sua mãe:

— Preciso falar com você—disse.

A marquesa, espantada, olhava-a. Amava-a como mãe egoísta, certa de sua beleza, como se é de uma fortuna, muito bonita ainda para ter ciúmes da filha, demasiado indiferente para fazer os projetos que lhe atribuíam, muito sutil, entretanto, para não ter consciência daquele valor.

Ela respondeu:

— Fala, filhinha, o que é que há?

Yvette olhou-a fixamente, como para ler no fundo de sua alma, como para perceber as menores sensações que suas palavras iam provocar.

— Ouça. Passou-se qualquer coisa de extraordinário.

— O que foi?

— Servigny declarou-me o seu amor.

A marquesa escutava, inquieta. Como Yvette se tivesse calado, ela perguntou-lhe:

— Como é que ele disse isso? Explique-se!

A rapariga sentou-se no chão, junto da mãe, numa atitude meiga que lhe era familiar, e, tomando-lhe as mãos, explicou:

— Ele me pediu em casamento.

M Obardi fez um gesto brusco de estupefação, e exclamou:

— Servigny? Você está louca!

Yvette não tinha desviado os olhos da face de sua mãe, observando o seu pensamento e sua surpresa. Perguntou com voz grave:

— Por que acha que eu estou louca? Por que Servigny não casará comigo?

A marquesa, embaraçada, balbuciou:

— Você está enganada, não é possível. Você entendeu mal. Servigny é muito rico para você... e muito... muito... parisiense para se casar.

Yvette tinha-se levantado lentamente. Argumentou:

— Mas se ele me ama como disse?

A mãe respondeu com um ar de impaciência:

— Acho que você tem bastante idade e bastante conhecimento da vida para não fazer esses castelos. Servigny é

um boémio e um egoísta. Ele só casará com uma moça da sua posição e da sua fortuna. Se te pediu em casamento é que ele quer... é que ele quer..

A marquesa, incapaz de dizer o que supunha, calou-se um segundo, depois disse:

— Deixe-me tranquila, vá-se deitar.

A rapariga, como se houvesse sabido o que desejava, respondeu com voz dócil:

— Sim, mamã.

Beijou a marquesa na testa e afastou-se calmamente. Quando ia atravessar a porta, a mãe perguntou-lhe:

— E a dor de cabeça?

— Já passou. Era este assunto que me preocupava. A marquesa acrescentou:

— Nós falaremos sobre isso mais tarde. Em todo o caso, não ande mais sozinha com ele. E fique certa de que ele não casará com você, entende? e de que quer somente... te comprometer.

Não encontrou outro termo para exprimir o seu pensamento. E Yvette voltou para o quarto. M.me Obardi ficou a pensar.

Vivendo há vários anos em sua quietude amorosa e opulenta, havia afastado do espírito todas as reflexões que a pudessem preocupar, inquietar ou entristecer. Jamais se preocupou com o futuro de Yvette. Haveria bastante tempo para pensar quando surgissem as dificuldades. Sabia perfeitamente, por seu faro de cortesã, que a filha não podia desposar um homem rico e da sociedade senão por um acaso quase impossível, por uma dessas surpresas do amor que colocam uma aventureira sobre um trono. Ela não contava com isso e vivia muito ocupada consigo mesma

para fazer projetos de coisas que não lhe concerniam diretamente.

Yvette seria como sua mãe, sem dúvida. Seria uma cortesã. Por que não? Mas nunca a marquesa ousou perguntar a si mesma quando, nem como isso aconteceria.

E eis que a filha, de repente, sem preparação, lhe apresenta uma dessas questões a que se não pode responder, força-a a tomar uma atitude em um caso assim difícil, delicado, perigoso a todos os respeitos e embaraçoso para sua consciência, para a consciência que se deve mostrar quando se trata de uma filha e dessas coisas.

Ela possuía muita astúcia natural, para se ter enganado um minuto sequer sobre as intenções de Servigny, pois conhecia os homens por experiência própria, sobretudo os homens daquela índole. Por isso, logo às primeiras palavras pronunciadas por Yvette, ela exclamara, quase contra a vontade:

— Servigny, casar com você? Está louca!

Por que empregaria ele esse velho processo, ele um esperto, um libertino, um Don Juan? Que fazer nessa situação? E a rapariga, como preveni-la mais claramente? Como defendê-la? Talvez ela se deixasse arrastar por algumas asneiras.

Podia-se lá pensar que essa menina fosse assim tão ingênua, tão pouco instruída e pouco esperta?

E a marquesa, perplexa e fatigada de tanto refletir, procurava o que devia fazer, sem encontrar solução, pois a situação lhe parecia verdadeiramente embaraçosa. E para acalmar seus receios, pensou:

"Bem, eu os vigiarei de perto, agirei de acordo com as circunstâncias. Se for preciso falarei a Servigny, que é perspicaz e me compreenderá com meias-palavras".

Não cogitou sobre o que lhe diria nem sobre o que ele responderia, nem que género de conversação seria possível estabelecer-se entre eles, mas, satisfeita por sair daquela inquietude sem ter sido preciso tomar uma resolução, voltou a pensar no belo Saval. Com os olhos perdidos na escuridão da noite, olhando aquele clarão luminoso que paira sobre Paris, ela atirava com as mãos beijos na direção da grande cidade, beijos rápidos, que arremessava na sombra, um sobre o outro, sem contar. E bem baixinho, como se estivesse ainda a falar-lhe, murmurou:

— Eu te amo, eu te amo!

III

Yvette também não dormia. Como sua mãe, debruçada na janela, e as lágrimas, suas primeiras lágrimas tristes, inundaram-lhe os olhos.

Até aquele momento ela havia vivido, havia crescido naquela confiança travessa e serena da juventude feliz. Por que teria meditado, refletido, investigado? Por que seria uma rapariga diferente de todas as outras? Por que um temor, por que uma dúvida, por que se preocupar com suposições desagradáveis?

Parecia instruída em tudo, porque falava de tudo, porque havia apreendido o tom, o modo de ser, os ditos ousados das pessoas que viviam em torno dela. Apesar dessa aparência, não sabia nada mais do que sabe uma menina educada em um convento. Sua audácia vocabular provinha de sua memória, dessa faculdade de imitação e de assimilação peculiar às mulheres, e não de um espírito esclarecido e impudico.

Falava de amor como os filhos de um pintor ou de um músico falam em pintura ou música com dez ou doze anos de idade. Sabia, ou melhor, supunha o gênero de mistério que esse nome encerrava; muitos galanteios tinham sido murmurados diante dela para que sua inocência não estivesse um pouco esclarecida. Mas daí ela não podia concluir que todas as famílias não fossem iguais à sua.

Beijavam a mão de sua mãe com um respeito aparente; todos os seus amigos eram nobres; todos eram ou pareciam ricos; todos citavam de modo familiar os príncipes de linhagem real. Até filhos de reis tinham vindo várias vezes, à noite, às reuniões da marquesa! Como poderia ela supor?

Ademais, ela era naturalmente ingênua. Não investigava, não farejava as pessoas, como fazia sua mãe. Vivia tranquila, muito encantada com a existência para se inquietar com o que teria parecido suspeito a pessoas mais calmas, mais refletidas, mais recatadas, menos expansivas e menos triunfadoras.

Mas eis que, de repente, Servigny, com algumas palavras cuja brutalidade ela sentiu sem compreender, veio despertar nela uma inquietação súbita, de início imprecisa, e que se tornou em uma apreensão aflitiva.

Tinha voltado para casa, refugiara-se como um animal ferido, ferida, com efeito, profundamente por estas palavras que ela repetia a si mesma sem cessar, para lhes penetrar todo o sentido, para descobrir tudo o que encerravam:

“Você sabe que entre nós não se pode cogitar casamento... mas amor”.

Que teria ele querido dizer? E por que essa injúria? Ignoraria ela alguma coisa, algum segredo, alguma desonra? Seria ela a única a ignorar? O que haveria? Ficou perturbada, abatida, como quando se descobre uma infância escondida, a traição de um ser amado, um desses desmoronamentos sentimentais que nos enlouquecem.

Yvette meditou, refletiu, investigou, chorou, tomada de receio e de desconfiança. Mas o seu espírito jovem e alegre serenou-se, e ela se pôs a imaginar uma aventura, uma situação

anormal e dramática, feita com recordações dos romances poéticos que tinha lido. Recordou-se de passagens emocionantes, de histórias sombrias e enternecedoras, e misturou-as, compôs uma nova história, a sua história, envolvendo o mistério entrevisto, envolvendo sua própria vida.

A desolação passara. Ela sonhava. Tinha levantado os véus e imaginava complicações impossíveis, mil coisas singulares, terríveis, sedutoras ao menos pela esquisitice.

Seria, por acaso, filha natural de um príncipe? Sua pobre mãe, seduzida e abandonada, teria sido feita marquesa por um rei, pelo rei Vítor Emanuel talvez, tendo que fugir para escapar à cólera de sua família?

Ou seria uma criança enjeitada pelos pais, por pais de alta nobreza, fruto de um amor ilícito, recolhida pela marquesa, que a adotara e criara?

Outras suposições mais atravessaram-lhe o espírito. Aceitava-as ou as rejeitava, conforme o grau de fantasia. Compadecia-se de si mesma, feliz e ao mesmo tempo triste, satisfeita, sobretudo, por se tornar uma espécie de heroína que teria que distinguir-se, situar-se, tomar uma atitude digna. E pensava no papel que precisava desempenhar segundo os acontecimentos previstos. Via vagamente esse papel, um papel semelhante ao de uma personagem de Scribe ou de George Sand. Seria o papel de uma personagem cheia de devotamento de abnegação, de fidelidade, de grandeza de alma, de ternura e cheia de palavras bonitas. Sua natureza instável deleitava-se com essa nova atitude.

Passou toda a tarde a meditar sobre o que iria fazer, procurando uma forma para conseguir que a marquesa lhe contasse toda a verdade.

Quando anoiteceu — a noite é propícia às situações trágicas —, ela encontrou, enfim, uma maneira simples e sutil para saber o que queria: diria à sua mãe que Servigny a pedira em casamento.

Ao ouvir a notícia, M Obardi, surpresa, deixaria certamente escapar uma palavra, um grito que lançaria a luz no espírito da filha.

Yvette tinha traçado o seu programa. Esperava uma explosão de contentamento, uma expansão de amor, uma confidência cheia de gestos e de lágrimas.

A marquesa, porém, sem parecer estupefata ou desolada, apenas demonstrou aborrecimento; e, no tom contrafeito e perturbado com que respondeu, a rapariga, em quem subitamente se revelara toda a astúcia, a perspicácia feminina, compreendeu que não devia insistir, que o mistério era de outra natureza, que lhe seria difícil decifrar, e que era preciso fazê-lo sozinha. Com o coração oprimido, a alma aflita, abatida pela apreensão de uma desgraça, sem saber como nem por que sentia tal pressentimento, Yvette subiu a escada e fechou-se novamente no quarto. E por tudo isso ela chorava debruçada na janela.

Chorou durante muito tempo, sem pensar em nada, sem nada procurar descobrir; e pouco a pouco, dominada pelo cansaço, ela cerrou os olhos. Cochilou durante alguns minutos, com aquele sono das pessoas exaustas, que não têm energia nem para se despir e ir para a cama, com aquele sono pesado e cortado por despertares súbitos, quando a cabeça escorrega das mãos.

Deitou-se somente aos primeiros albores do dia, quando o ar da manhã, resfriando-a, constrangeu-a a sair da janela. Durante os dois dias que se seguiram ela guardou uma atitude reservada e melancólica. Uma transformação rápida se processava nela. Aprendeu a observar, a surpreender, a raciocinar. Um clarão ainda difuso parecia-lhe iluminar de uma nova forma os homens e as coisas que a cercavam. Ficou de prevenção contra tudo, contra todos, contra sua própria mãe. Tudo o que era possível, ela imaginou nesses dois dias. Encarou todas as possibilidades, decidiu-se pelas soluções mais extremas, com a precipitação de sua natureza mutável e desmesurada. Na quarta-feira ela organizou um plano, uma regra de conduta e um sistema de espionagem. Na manhã de quinta-feira levantou-se com a resolução de ser mais vigilante que um policial, e armada em guerra contra tudo e contra todos.

Resolveu-se mesmo a adotar a divisa: "Eu e mais ninguém" e ensaiou, durante mais de uma hora, a maneira como deveria dispô-la em torno do seu monograma para que fizessem um bonito efeito, gravados no seu papel de correspondência.

Saval e Servigny chegaram às dez horas.

A rapariga apertou-lhes a mão com reserva, sem se perturbar, e com um tom familiar, apesar de sério:

— Bom dia, Muscade, como vai?

— Mais ou menos, e você? Ele observava-a.

"Que partida me irá pregar?", pensou ele.

A marquesa tomou o braço de Saval, Servigny o de Yvette, e foram passear nas alamedas do jardim, onde desapareciam e apareciam a todo o momento atrás dos maciços de verdura.

Yvette caminhava, pensativa, olhando a areia do caminho, parecendo escutar com indiferença o que dizia o seu companheiro.

A certa altura ela perguntou:

— Você é verdadeiramente meu amigo, Muscade?

— Sem dúvida, mamzelle.

— Mas amigo de facto, de verdade?

— Inteiramente, mamzelle, de corpo e alma.

— Ao ponto de não me mentir nem ao menos uma vez?

— Nem ao menos uma vez.

Ao ponto de me dizer toda a verdade, a pura verdade?

Sim, mamzelle.

Está bem, o que é que você pensa do príncipe Kravalow?

Ah! diabo!

Já está se preparando para mentir.

Não, mas procuro as palavras, os termos justos.

O príncipe Kravalow é um russo... um russo verdadeiro, que fala russo, que nasceu na Rússia, que talvez tenha conseguido um passaporte para vir para a França, e que só tem de falso o nome e o título. — Você quer dizer que ele é?... Servigny hesitou um pouco, mas se decidiu:

— Um aventureiro, Mamzelle.

— Obrigado. E o cavaglieri Valreali também, não é?

— Você o diz.

— E M. de Belvigne?

— Esse, esse é outra coisa. É um homem de sociedade... da província, honrado... até certo ponto... somente um pouco chamuscado... por ter vivido penosamente durante algum tempo...

— E você?

Ele respondeu sem hesitar:

— Eu sou aquilo a que chamam um preguiçoso. Um rapaz de boa família, que tinha inteligência e gastou-a fazendo frases bonitas, que tinha boa saúde e perdeu-a na boêmia, que talvez tenha tido valor e desperdiçou-o sem fazer nada. Resta-me de tudo e para tudo a fortuna, uma certa prática na vida, uma ausência completa de preconceitos, um grande desprezo pelos homens, incluindo também as mulheres, um conhecimento profundo da inutilidade de meus atos e uma enorme tolerância pela canalhice geral. Tenho, ainda, por momentos, o valor da franqueza, como você acaba de ver, e sou mesmo capaz de afeições, como poderá se certificar. Com esses defeitos e essas qualidades, coloco-me às suas ordens, Mamzelle, moral e fisicamente, para tudo o que quiser de mim.

Yvette não riu, como era o seu costume. Escutou atentamente as palavras e as intenções. Continuou perguntando:

— O que é que você pensa da condessa de Lammy? Servigny respondeu com vivacidade:

— Você me permitirá não emitir opiniões sobre as mulheres. Sobre nenhuma!

— Então é porque você as julga muito mal. Vejamos, procure, não faz nenhuma exceção?

Ele sorria com aquele seu ar insolente que tinha sempre; com aquela audácia brutal de que fazia uma força, uma arma:

— Excetuam-se sempre as pessoas presentes.

Yvette corou ligeiramente, mas perguntou com toda a calma:

— Bem, o que é que você pensa de mim?

— Você quer saber? Penso que você é uma pessoa de muito senso, de muita prática, ou, se você quiser, de grande prática, que sabe perfeitamente ocultar o seu jogo, divertir-se com as pessoas, esconder seus desígnios, armar suas armadilhas, e que espera, sem se apressar... o acontecimento. Ela perguntou:

— É tudo?

— É tudo.

Yvette disse-lhe com uma gravidade solene:

— Eu o farei mudar de opinião, Muscade.

Em seguida encaminhou-se para sua mãe, que caminhava com passos lentos, de cabeça baixa, com a atitude lânguida de quem passeia conversando baixinho, sobre coisas íntimas e dizendo galanteios. Ao caminhar, a marquesa ia desenhando figuras na areia, letras talvez, com a ponta da sombrinha, e falava sem olhar para Saval, falava longamente, lentamente, apoiada a seu braço, estreitada contra ele. Yvette olhou-a e, de repente, teve um pressentimento, mais uma sensação que uma dúvida, que lhe passou no espírito como passa sobre a terra a sombra de uma nuvem tocada pelo vento.

O sino anunciou o almoço.

A refeição decorreu silenciosa, quase melancólica.

Havia, como se costuma dizer, uma tormenta no ar. Nuvens imensas, imóveis, acumulavam-se no horizonte, silenciosas e pesadas, prenunciando tempestade.

Quando tomavam café no terraço, a marquesa perguntou:

— Como é, filhinha! vais dar um passeio com teu amigo Servigny? Está um tempo ótimo para se tomar a fresca sob as árvores.

Yvette lançou-lhe um olhar rápido, logo desviado.

— Não, mamã, hoje não vou sair.

A marquesa pareceu contrariada, e insistiu:

— Vai dar uma volta, minha filha, isso te fará bem.

Yvette respondeu bruscamente:

— Não, mamã, hoje eu fico em casa, e você sabe bem por que, pois eu te disse uma noite dessas.

M.me Obardi não pensava mais nisso, preocupada com o desejo de ficar só com Saval. Enrubescou perturbou-se e, inquieta por si própria, não sabendo como poderia livrar-se uma ou duas horas, balbuciou:

— É verdade, não me lembrava mais, você tem razão. Não sei onde estava com a cabeça.

Yvette agarrou um trabalho de agulha que chamava de "salvação pública", com o qual matava o tempo umas cinco ou seis vezes por ano, nos dias de calmaria podre, e sentou-se em uma cadeira baixa, ao pé de sua mãe, enquanto os dois rapazes cavalgaram as cadeiras e acenderam os cigarros.

As horas passaram-se com uma palestra vaga e desinteressante. A marquesa, enervada, olhava languidamente para Saval, procurando um meio de afastar a filha. Por fim compreendeu que era impossível e, não sabendo que artifício usar, disse a Servigny:

— Saiba, meu caro duque, que serão os meus hóspedes esta noite. Amanhã iremos almoçar no restaurante Fournaise, em Chatou.

Ele compreendeu, sorriu e inclinou-se:

— Às suas ordens, marquesa.

E a tarde escoou-se lentamente, penosamente, sob o prenúncio da tempestade.

A hora do jantar aproximou-se pouco a pouco. Nuvens lentas e pesadas acumulavam-se no céu. Nenhuma aragem balançava as folhas.

A refeição da noite também transcorreu silenciosa. Um constrangimento, uma inquietação, uma espécie de opressão vaga parecia emudecer os dois homens e as duas mulheres.

Depois do jantar continuaram no terraço, não falando senão com longos intervalos. A noite caía, sufocante. De repente uma flecha de fogo atravessou o horizonte, e iluminou com uma luz resplandecente e pálida as fisionomias já mergulhadas em sombra. Um ruído distante, um ruído surdo e fraco, semelhante ao do rodar de um carro sobre uma ponte, percorreu a terra. O calor aumentara, e tinha-se a impressão de que o ar se tornara ainda mais rarefeito, o silêncio da noite mais profundo. Yvette levantou-se:

— Eu vou me deitar—disse ela. — A tormenta me faz mal.

Apertou a mão dos dois rapazes, a marquesa beijou-lhe a testa, e ela se retirou.

O quarto de Yvette ficava situado precisamente em cima do terraço, e pouco depois que ela subia as folhas do castanheiro plantado diante da porta iluminaram-se de uma luz verde. Servigny fixou o olhar nessa luz pálida que clareava a folhagem, onde supunha, por vezes, ver passar uma sombra. De repente a luz apagou-se. Obardi soltou um suspiro:

— Minha filha já se deitou. Servigny levantou-se:

— Eu vou fazer o mesmo, marquesa, se me dá licença. — Beijou a mão que ela lhe estendeu e retirou-se.

A marquesa e Saval ficaram sós, no silêncio da noite.

Imediatamente ela atirou-se nos seus braços, o enlaçou, o estreitou. Depois, apesar de ele ter tentado impedi-la, ela ajoelhou-se a seus pés murmurando: "Quero te contemplar à luz dos relâmpagos".

Yvette, depois que apagou a luz, voltou ao balcão descalça, deslizando como uma sombra, e escutava, atormentada por uma desconfiança dolorosa e confusa.

Ela não podia vê-los, pois se encontrava por cima deles, sobre o teto do terraço.

Ouvia apenas um sussurro de vozes. Seu coração batia tão forte que ela lhe ouvia os ruídos. Uma janela fechou-se no andar superior. Servigny já tinha subido. Sua mãe estava sozinha com o outro.

Um segundo relâmpago cortou o céu e, por alguns segundos, fez surgir toda aquela paisagem que ela tão bem conhecia, iluminada por uma claridade violenta e sinistra. O rio, com sua cor de chumbo fundido, dava a impressão de um rio de um país fantástico. No mesmo momento ouviu que uma voz, em baixo, exclamava: "Eu te amo!"

Não entendeu mais nada. Um estranho arrepio percorreu-lhe o corpo, e o seu espírito vagueava numa confusão horrorosa.

Um silêncio pesado, infinito, semelhante ao silêncio eterno, pairava sobre tudo. Não podia respirar, tinha o peito oprimido por qualquer coisa desconhecida e horrível. Outro relâmpago sulcou o espaço, iluminou por instantes o horizonte, depois um outro quase imediatamente se seguiu, depois muitos outros mais.

A mesma voz que já tinha ouvido, elevando-se mais forte, repetia: "Oh! como te amo! como te amo!" Yvette reconheceu perfeitamente a voz, a voz de sua mãe.

Um pesado pingo d'agua tépida caiu-lhe sobre a testa, e uma leve agitação quase impercetível correu pelo arvoredo. A chuva começou a cair.

Ouviu-se um rumor de tropel distante, um rumor confuso, semelhante ao do vento nas folhagens; era a chuva que caía em cascatas sobre a terra, sobre o rio, sobre as árvores. Em poucos instantes a água chegou até ela, salpicou-a, encharcou-a, como um banho. Yvette não se abalou, meditava atentamente sobre o que faziam em baixo, no terraço.

Ouviu-os levantarem-se e subirem as escadas. Ouviu o ruído de portas que se fechavam. Levada por um irresistível desejo de saber, desejo que a dominava e torturava, a rapariga desceu a escada, abriu com todo o cuidado a porta da rua, atravessou o jardim sob a chuva torrencial, e foi-se esconder atrás de uns arbustos para observar as janelas.

Somente uma estava iluminada, a do quarto de sua mãe. De repente duas sombras, uma ao lado da outra, apareceram no retângulo luminoso. Depois, aproximando-se, formaram uma só. Um relâmpago projetou sobre a fachada um rápido clarão, e ela pôde ver que se beijavam, os braços cercados em redor do pescoço.

Então, desesperada, sem refletir, sem saber o que fazia, gritou com toda a força, com uma voz agudíssima: "Mamã!", como para prevenir uma pessoa de um perigo mortal.

O grito desesperado se perdeu no estalido da chuva, mas o par enlaçado se separou, inquieto. Uma das sombras desapareceu, ao passo que a outra procurou distinguir qualquer coisa através das trevas do jardim.

Temendo ser surpreendida, temendo encontrar sua mãe, Yvette correu para a casa, subiu precipitadamente a escada, deixando atrás de si um rastro d'água, que corria de degrau em degrau, e fechou-se no quarto resolvida a não abrir a porta a ninguém.

E sem tirar o vestido encharcado e colado no corpo, caiu de joelhos, de mãos postas, implorando na sua angústia qualquer proteção sobre-humana, o socorro misterioso do Céu, o auxílio desconhecido que se invoca nas horas de aflição e desespero.

Os relâmpagos a todo o instante lançavam reflexos lívidos no interior do quarto, e ela se enxergava, instantaneamente, no espelho do guarda-roupa, com o penteado desfeito e o cabelo molhado de tal forma diferente que não se reconhecia.

Ficou assim muito tempo, tanto tempo que a tormenta passou sem que ela se apercebesse. A chuva cessou de cair, um clarão invadiu o céu ainda enuviado, e um ar fresco, embalsamado, delicioso, um frescor de ervas e de folhas molhadas, entrava pela janela aberta.

Yvette levantou-se, despiu maquinalmente as roupas húmidas e frias e meteu-se no leito. Ficou de olhos abertos, a contemplar o dia que raiava. Chorou novamente, e começou a refletir.

Sua mãe tinha um amante! que vergonha! Mas em muitos livros que lera havia mulheres, mesmo mães, que se entregavam assim, e que, no final, voltavam à honestidade, por isso quase não se surpreendeu por se encontrar envolvida em um drama semelhante a todos os dramas de suas leituras. A violência do primeiro desgosto, o espanto cruel da surpresa, atenuou-se à lembrança confusa de situações análogas. Seu pensamento havia

vibrado em aventuras tão trágicas, poeticamente amenizadas pelos romancistas, que a horrível descoberta foi pouco a pouco lhe parecendo a continuação natural de algum folhetim começado na véspera. Ela prometeu a si mesma:

— Hei de salvar mamã.

E, quase tranquilizada por essa resolução de heroína, sentiu-se forte, engrandecida, pronta para enfrentar a luta. Refletiu sobre os meios que deveria empregar. Somente um pareceu-lhe bom, um que estava de acordo com sua natureza romanesca. E, como um ator ensaia a cena que vai apresentar, ela ensaiou o diálogo que iria ter com a marquesa.

O sol tinha nascido. Os criados circulavam nos corredores.

A criada de quarto trouxe-lhe o chocolate. Yvette mandou que deixasse a bandeja na mesa e ordenou:

— Você diga à mamã que estou adoentada e que vou ficar na cama até a partida desses senhores, que eu não dormi toda a noite, e peço que não me incomodem, porque vou procurar repousar um pouco. A criada, surpresa, olhava a roupa encharcada e caída como um trapo sobre o tapete.

— A senhorita saiu? — perguntou.

— Sim, andei passeando na chuva para me refrescar.

A servente segurou as saias, as meias, os sapatos finíssimos; depois retirou-se levando no braço, com cuidado, aborrecida, as roupas encharcadas.

Yvette esperou, sabendo que a mãe viria vê-la.

A marquesa saltou da cama assim que a criada lhe transmitiu o recado, pois uma dúvida pairava no seu espírito desde que ouvira o grito: "Mamã".

Entrou no quarto de Yvette e perguntou:

— O que é que você tem?

Esquecendo todos os projetos e todas as frases preparadas, a rapariga tapou o rosto com as mãos e balbuciou:

— Oh! mamã! oh! mamã!

M Obardi estava de pé, diante do leito, demasiadamente emocionada para compreender, mas adivinhando quase tudo, com aquele instinto sutil de onde provinha sua força.

Yvette não podia falar, sufocada pelos soluços. Nervosa e sentindo aproximar-se uma explicação desagradável, a marquesa perguntou:

— Vamos, diga-me o que você tem?

— Oh! esta noite... eu vi... a sua janela. A marquesa, pálida, indagou:

— Viu o quê?

A rapariga repetiu, soluçando:

— Oh! mamã! oh! mamã!

M.me Obardi, cuja perturbação e embaraço se haviam transformado em cólera, sacudiu os ombros e dirigindo-se para a porta:

— Acho que você enlouqueceu. Quando isso passar, você me avisará.

Yvette descobriu a face molhada de lágrimas:

— Não!... escute... é preciso que eu fale... escute... Vai me prometer... nós vamos partir para bem longe, para a campanha, e viveremos como camponesas. Ninguém ficará sabendo para onde fomos. Quer mamã? Eu te peço, suplico, quer?

A marquesa, paralisada, estava no meio do quarto. Corria-lhe nas veias sangue plebeu, sangue irascível. Mas dominada por uma vergonha, um pudor de mãe misturado com um vago

sentimento de medo e um desespero de mulher apaixonada que vê o seu amor ameaçado, ela estremeceu, na iminência de pedir perdão ou de cometer uma violência:

— Eu não te compreendo—disse. Yvette repetiu:

— Eu a vi... mamã... esta noite... com ele... se você soubesse... Vamos embora... eu farei com que esqueça...

M Obardi falou com voz trêmula:

— Escute, minha filha, há coisas que você ainda não entende. E... não esqueça, não esqueça... que eu te proíbo... de me falar... de... de... nessas coisas.

A rapariga, desempenhando o papel de salvador que se tinha imposto, respondeu:

— Não, mamã, eu não sou mais uma criança e tenho o direito de saber. Eu sei que nós recebemos gente de má fama, aventureiros, sei também que por isso não somos respeitadas. Sei ainda outras coisas. Tudo isso está acabado, compreende? Eu não quero. Vamos embora; você venderá suas joias; trabalharemos se for preciso, e viveremos como mulheres honestas, em qualquer lugar, bem longe daqui. E se eu conseguir me casar, tanto melhor.

Sua mãe fitava-a, irritada. Respondeu:

— Você está louca. Levante e venha almoçar connosco.

— Não, mamã. Há aqui alguém que eu não quero tornar a ver, você me compreende. Se ele não sair, sairei eu. Você escolherá entre nós dois.

Yvette tinha se sentado na cama e levantara a voz; falava como se fala em cena, desempenhando o drama que tinha imaginado, quase esquecido o seu desgosto para se lembrar

somente do seu papel. A marquesa, estupefata, sem encontrar o que dizer, repetiu:

— Você está louca...

Yvette exigiu com uma energia teatral:

— Não, mamã, este homem sairá daqui ou então sairei eu. Não volto atrás.

— E para onde irá?... Que fará?

— Não sei, isso pouco importa... Quero que sejamos mulheres honestas.

A insistência no título "mulheres honestas" enfureceu a marquesa, que gritou:

— Cale-se! Não consinto que me fale assim. Tenho o mesmo valor que qualquer outra, entende? Sou uma cortesã, é verdade, e me orgulho disso; as mulheres honestas valem menos do que eu. Yvette, aterrada, olhava-a, balbuciando: A marquesa exaltava-se, excitava-se:

— Oh! mamã!

— É verdade! sim, eu sou uma cortesã. E daí? Se eu não fosse uma cortesã você seria hoje uma cozinheira, como eu fui antigamente. Ganharia trinta *sous* por dia, lavaria a louça, iria ao açougue, ouviu, e te poriam na rua se saísse a passear, ao passo que você passeia todo o dia porque eu sou uma cortesã. Aí tem. Quando se é apenas uma criada, uma infeliz com cinquenta francos de economia, é preciso saber sair do atoleiro, se não se quer morrer como uma miserável. E não há duas saídas, compreende, não há dois caminhos, quando se é uma servente. Nós não podemos fazer fortuna com dignidade ou com negociações na bolsa, temos unicamente o nosso corpo, somente o nosso corpo.

E batia no peito, como um penitente que se confessa, e, vermelha, exaltada, avançou para o leito:

— Não há que escolher, quando se é órfã, ou se vive disso, ou vive-se na miséria toda a vida... toda a vida...

E continuou categórica:

— As mulheres honestas não têm necessidade disso. Elas que são as verdadeiras prostitutas, compreende? Elas têm dinheiro, têm com que viver e com que se divertir, e recebem os homens por vício. Elas é que são as verdadeiras prostitutas.

Ela continuava em pé perto da cama de Yvette, que estava espavorida, que tinha vontade de gritar, de pedir "socorro", de fugir e que chorava como uma criança.

A marquesa calou-se, olhou a filha e, vendo-a assim desesperada, sentiu-se tomada de remorsos, de piedade e, abrindo os braços, atirou-se na cama, e começou também a chorar, balbuciando:

— Minha filhinha, minha pobre filhinha, se você soubesse como me faz sofrer.

Choraram, assim abraçadas, durante muito tempo. A marquesa, porém, não se entregava aos desgostos; levantou-se e disse baixinho:

— Vamos, filhinha, isso é assim mesmo, que quer? Não se pode mudar as coisas. Devemos encarar a vida como ela é.

Yvette continuava chorando. O golpe tinha sido muito rude e muito inesperado para que ela pudesse refletir e restabelecer-se.

Sua mãe insistiu:

— Vamos, levante-se e venha almoçar, assim ninguém se aperceberá de nada.

A rapariga fez que "não" com a cabeça, sem poder falar; por fim, disse com voz lenta, cheia de soluços:

— Não, mamã, você sabe o que eu te disse, eu não mudarei de opinião. Não sairei do quarto enquanto eles estiverem aqui. Não quero ver mais ninguém dessa gente, nunca mais, nunca mais. Se eles voltarem aqui, eu... eu... você não me verá mais.

A marquesa enxugou os olhos e, cansada de emoção, murmurou:

— Vejamos, reflita, seja razoável.

E depois de um minuto de silêncio:

— É melhor mesmo que você descanse esta manhã. Eu virei te ver depois do almoço.

Beijou a testa da filha e saiu para se vestir, já calma 'e refeita.

Yvette, logo que a mãe desapareceu, levantou-se e correu a trancar a porta, pois queria ficar só, completamente só, e pôs-se a refletir.

Lá pelas onze horas a criada bateu na porta:

— A senhora marquesa pergunta se a senhorita não precisa de nada, e se quer almoçar.

Yvette respondeu:

— Não tenho fome. Peço unicamente que não me incomodem.

E continuou na cama, como se estivesse muito doente. Às três horas bateram novamente. Ela perguntou:

— Quem é?

A voz da mãe respondeu:

— Sou eu, filhinha, vim ver como você está. Yvette hesitou um instante. Abriu, depois deitou-se. A marquesa aproximou-se falando à meia voz, como perto de uma convalescente:

— Então, como está? Não quer comer um ovo?

— Não, obrigada, não quero nada.

M.me Obardi sentou-se perto da cama. Estiveram muito tempo caladas, e como a rapariga permanecesse imóvel, com as mãos inertes sobre o lençol, a marquesa perguntou: — Não vai levantar? Yvette respondeu:

— Sim, já vou.

E acrescentou num tom grave e lento:

— Refleti muito, mamã, e... e... e tomei uma resolução. O que passou, passou, não falaremos mais nisto. Mas o futuro será diferente... ou então... ou então eu saberei o que fazer. Presentemente, espero que tudo esteja terminado.

A marquesa, que julgava finda a explicação, sentiu uma certa impaciência. Isso já era demais. A idiota dessa menina já devia saber tudo há muito tempo. Mas achou melhor não responder, e perguntou:

— Não ia levantar-se?

— Sim, num momento.

Sua mãe serviu-lhe de criada de quarto, alcançou-lhe as meias, as saias, o corpete; depois abraçou-a:

— Quer dar uma volta antes do jantar?

— Quero, mamã.

E saíram a passear ao longo da margem, conversando unicamente sobre coisas triviais.

IV

Na manhã seguinte, muito cedo, Yvette foi sentar-se a sós no local onde Servigny lhe havia lido a história das formigas. Disse consigo mesma:

— Não sairei daqui enquanto não tiver tomado uma resolução.

Diante dela, a seus pés, passava o rio, a correnteza rápida do cotovelo, cheia de redemoinhos, de grandes cachoeiras que passavam em silenciosa fuga, com agitações profundas.

Yvette já tinha encarado todas as faces da situação e todas as soluções que se apresentavam.

Que fazer se sua mãe não acatasse escrupulosamente a condição que ela havia imposto, não renunciasse à sua maneira de vida, ao seu mundo, a tudo, para viverem juntas em uma região distante?

Poderia partir sozinha... fugir. Mas para onde? De que maneira? Como iria viver?

Trabalhando? Em quê? A quem se dirigir para encontrar trabalho? A vida humilde e sem relevo das pessoas que trabalham, das mulheres do povo, parecia-lhe um pouco vergonhosa, indigna dela. Pensou em se tornar preceptora, como as jovens personagens dos romances, e fazer-se amar e desposar pelo filho da casa. Mas para isso seria preciso que ela fosse de uma família nobre para que, quando o pai exasperado a acusasse de ter roubado o amor do seu filho, pudesse dizer com voz altiva:

— Eu chamo-me Yvette Obardi!

E isso ela não poderia fazer. E, de resto, seria ainda uma solução corriqueira, muito usada.

O convento também não seria solução. Não sentia nenhuma vocação para a vida religiosa, tinha apenas uma piedade intermitente e fugaz. Sendo o que era, não poderia se salvar pelo casamento, pois ninguém se casaria com ela. Não poderia aceitar auxílio de nenhum homem. Não havia nenhuma saída, nenhuma solução definitiva!

Além disso, ela queria uma saída que fosse qualquer coisa de enérgico, de realmente grande, de realmente forte, que servisse de exemplo; e optou pela morte.

Decidiu-se de repente, tranquilamente, como se se tratasse de uma viagem, sem refletir, sem encarar a morte, sem compreender que seria o fim sem recomeço, a partida sem regresso, o adeus eterno ao mundo, à vida.

Resolveu-se imediatamente por essa solução extrema, com a leviandade dos espíritos exaltados e jovens.

Pensou nos meios que empregaria. Mas todos lhe pareceram de execução difícil e perigosa, e requeriam uma ação violenta que lhe repugnava.

Renunciou de início ao punhal e ao revólver, que podiam unicamente ferir, mutilar ou desfigurar, e que exigiam mão exercitada e segura — à corda, por ser comum, suicídio de pobre, ridículo e feio, — à água, porque sabia nadar. Restava unicamente o veneno, mas qual? Quase todos fazem sofrer e provocam vômitos. Ela não queria nem sofrer nem vomitar. Resolveu-se então pelo clorofórmio, pois tinha lido no jornal como fizera uma rapariga para se asfixiar por esse processo.

Imediatamente sentiu uma espécie de alegria por sua resolução, um orgulho íntimo, uma sensação de altivez. Veriam quem ela era, o que valia.

Voltou para Bougival, e pediu a um farmacêutico um pouco de clorofórmio para aplicar num dente que a estava a incomodar. O homem, que a conhecia, deu-lhe um minúsculo frasco de narcótico.

Seguiu depois a pé para Croissy, onde conseguiu uma segunda dose de veneno. Em Chatou obteve uma terceira, uma quarta em Rueil, e voltou tarde para o almoço. A caminhada abriu-lhe o apetite, e ela comeu com a satisfação das pessoas que fizeram muito exercício.

Sua mãe, satisfeita por vê-la assim bem disposta, sentiu-se tranquila e disse-lhe quando se levantavam da mesa:

— Os nossos amigos vêm passar o domingo connosco. Convidei o príncipe, o cavalheiro e M. de Belvigne.

Yvette empalideceu um pouco, mas não disse nada.

Saiu imediatamente, dirigiu-se à estação e comprou uma passagem para Paris.

Durante toda a tarde, andou de farmácia em farmácia, comprando em cada uma algumas gotas de clorofórmio.

Voltou, ao escurecer, com os bolsos cheios de minúsculos frascos.

No dia seguinte recomeçou a tarefa e, tendo entrado por acaso em um droguista, obteve, de uma só vez, um quarto de litro.

No sábado não saiu; era um dia quente e abafado; passou-o todo no terraço, estendida em uma chaise-longue de vime.

Quase não pensava em nada, muito resoluta e muito tranquila.

No domingo, querendo fazer-se bonita, vestiu um traje azul que lhe ia muito bem.

Olhando-se no espelho, disse de si para si: "Amanhã estarei morta". E um estranho arrepio lhe passou pelo corpo. "Morta! Não mais falarei, não mais pensarei, ninguém me verá mais. E não verei nada disso!"

Contemplava atentamente o seu rosto, como se jamais o tivesse visto, examinava sobretudo os olhos, descobrindo mil coisas, um caráter secreto de sua fisionomia, espantada de ver-se como se tivesse diante de si uma pessoa estranha, uma nova amiga.

Yvete dizia consigo:

"Sou eu, sou eu que estou refletida neste espelho. Como é estranho olhar-se a si mesma. Se não fossem os espelhos nós nunca nos conheceríamos. Todos saberiam como nós somos, ao passo que nós não o saberíamos".

Tomou os longos cabelos trançados e lançou-os sobre o peito, seguindo com os olhos todos seus gestos, todas suas atitudes, todos seus movimentos.

"Como eu sou bonita! — pensou. — Amanhã estarei morta, estendida no meu leito".

Olhou a cama, e pareceu-lhe ver-se estendida, branca como os lençóis.

"Morta! Em oito dias estas faces, estes olhos não serão mais que uma podridão negra, encerrada num caixão, no fundo da terra".

Uma horrível angústia lhe oprimiu o coração.

A luz clara do sol inundava os campos e o ar fresco da manhã entrava pela janela.

Sentou-se a pensar: "Morrer!" Era como se o mundo fosse acabar para ela; mas não, pois nada iria mudar no mundo nem mesmo o seu quarto. Sim, o seu quarto continuaria como estava, com o mesmo leito, as mesmas cadeiras, os mesmos armários, mas ela partiria para sempre, e ninguém sentiria tristeza por isso, salvo sua mãe, talvez.

Dirão: "Como era bonita essa menina Yvette". E só. E, como olhasse para a sua mão apoiada sobre o braço da poltrona, pensou novamente naquela podridão, naquela massa negra e fétida em que se tornaria sua carne. Novamente um estremecimento de horror lhe percorreu o corpo, e ela não compreendia bem como poderia desaparecer sem que a terra toda se aniquilasse, tanto se sentia parte integrante de tudo, dos campos, do ar, do sol, da vida.

Risos explodiram no jardim, um ruído de vozes, de chamamentos, essa barulhenta alegria com que se iniciam os passeios campestres. Ela reconheceu a voz sonora de M. de Belvigne, que cantava:

Chega à janela, ó minha bela!

Yvette levantou-se sem refletir, e apareceu à janela. Todos aplaudiram. Estavam lá os cinco e mais dois outros senhores, que ela não conhecia.

Retirou-se bruscamente, atormentada pela ideia de que esses homens vinham divertir-se em companhia de sua mãe, de uma cortesã.

O sino anunciou o almoço.

"Eu vou mostrar-lhes como se morre", pensou.

E desceu com passo firme, com qualquer coisa da resolução dos mártires cristãos ao entrar na arena onde os esperavam os leões.

Cumprimentou sorrindo de maneira afável, mas um pouco arrogante. Servigny perguntou-lhe:

— Está menos aborrecida hoje, Mamzelle? Ela respondeu num tom sério e estranho:

— Hoje vou fazer loucuras. Estou com a mesma disposição que em Paris. Tomem cuidado.

E voltando-se para M. de Belvigne:

— O senhor será o meu coronel, meu querido Malvoisie. Depois do almoço vou levá-los à festa de Marly.

Havia festa, de facto, em Marly. Apresentaram-lhe os desconhecidos, o conde de Famine e o marquês de Briquetot.

Durante a refeição Yvette conservou-se calada, guardando-se para estar alegre depois do almoço, para que não percebessem nada, para que se espantassem, para que dissessem: — Quem o teria pensado? Parecia tão alegre, tão contente! Que se passará nessas cabeças?

Esforçava-se por não pensar no escurecer, a hora que havia escolhido, quando todos estivessem no terraço.

Bebeu bastante vinho, e também duas taças de champanhe. Quando se levantou da mesa estava corada, um pouco aturdida, parecia-lhe sentir um calor no corpo e no espírito, e sentia-se confiante, disposta a tudo. — A caminho! — exclamou.

Tomou o braço de M. de Belvigne e determinou a marcha dos outros:

— Vamos, os senhores vão formar o meu batalhão! 'Servigny, você será sargento, ficará do lado de fora, à direita.

Na frente marchará a legião estrangeira, os dois forasteiros, o príncipe e o cavalleiro, e atrás, os dois recrutas, que sentaram praça hoje. Vamos!

Partiram. Servigny imitou o som da corneta, ao passo que os dois novos convidados fingiam de tamboreiros. M. de Belvigne, um pouco confuso, dizia baixinho:

— Mademoiselle Yvette, vamos, seja razoável, assim vai comprometer-se.

Ela respondeu:

— É aos senhores que eu comprometo, Raisiné, Quanto a mim, não me importo. Tanto pior para os senhores, não se deve sair com moças como eu.

Atravessaram Bougival sob os olhos estupefactos dos passeantes. Todos se voltavam, os moradores vinham para as portas; os passageiros do pequeno caminho de ferro de Rueil a Marly vaiaram-nos; os homens, de pé nas plataformas, gritavam:

— À água!... À água!...

Yvette marchava com passo militar, arrastando pelo braço M. de Belvigne, como se este fosse um prisioneiro. Ela não ria, e tinha na fisionomia uma gravidade sombria, uma espécie de imobilidade sinistra.

Servigny interrompia o toque de corneta para gritar as ordens de comando. O príncipe e o cavalleiro divertiam-se a mais não poder, achando tudo muito engraçado e de muito bom gosto. Os dois jovens rufavam tambor ininterruptamente.

Quando chegaram ao local da festa, provocaram sensação. Raparigas aplaudiram; rapazes riam; um senhor gordo, que dava o braço à esposa, declarou com certa inveja na voz:

— Esses não se aborrecem.

Yvette avistou o carrossel e obrigou Belvigne a montar à sua direita, enquanto o seu destacamento, à retaguarda, cavalgava os outros animais de pau. Quando a corrida terminou, ela recusou-se a descer, obrigando sua escolta a ficar cinco vezes seguidas sobre o dorso daquelas montarias infantis, com grande alegria do público, que gritava, gracejando. M. de Belvigne desceu lívido, com o coração em lastimável estado.

Então ela começou a passear entre as barracas. Forçou os companheiros a pesarem-se no meio de um círculo de espectadores. Fez com que comprassem bonecos ridículos, que tinham de carregar nos braços. O príncipe e o cavaleiro começaram a achar a brincadeira meio forte. Somente Servigny e os dois tamboreiros não perdiam a coragem.

Chegaram, finalmente, aos limites locais. Ela contemplou seus companheiros de uma maneira esquisita, com um olhar dissimulado e mau; e uma estranha fantasia lhe passou pela cabeça. Enfileirou-os na beira do barranco que margina o rio e exclamou:

— Aquele que mais me ama atire-se n'agua.

Ninguém saltou. Formou-se um grupo atrás deles. Mulheres de avental branco olhavam pasmadas. Dois soldados de calças encarnadas riam com ar idiota.

Yvette repetiu:

— Então nenhum de vocês será capaz de atirar-se n'agua para satisfazer um desejo meu?

Servigny murmurou:

— Meu Deus! paciência. — E lançou-se, de pé, no rio. A queda respingou água até nos pés de Yvette. Um murmúrio de espanto e de hilaridade se elevou da multidão.

A rapariga pegou um pedaço de pau e atirou-o ao rio, gritando:

— Traga!

O rapaz nadou e segurou-o com a boca, como um cão. Voltou, subiu o barranco e pôs um joelho em terra para entregá-lo.

Yvette recebeu-o.

— Como você é bonzinho! — exclamou ela.

E, com uma palmadinha amigável, acariciou-lhe os cabelos. Uma senhora gorda exclamou indignada:

— Como é possível!

Um outro disse:

— Lá isso é maneira de se divertir?

Um homem declarou:

— Não seria eu que iria molhar-me por causa de uma donzela!

Tomando o braço de Belvigne, ela atirou-lhe em rosto:

— O senhor é um tolo, meu amigo; o senhor não sabe o que perdeu.

Voltaram. Ela lançava aos transeuntes olhares irritados.

— Como toda essa gente tem cara de idiota! — disse ela.

E levantando os olhos para o rosto do seu companheiro:

— O senhor também.

M. de Belvigne fez uma censura. Quando voltaram, ela viu que o príncipe e o cavalheiro tinham desaparecido. Servigny, triste, molhado, já não tocava corneta e caminhava abatido ao lado dos dois rapazes, cansados, e que já não tocavam tambor.

Yvette pôs-se a rir secamente:

— Parecem fartos, hein? No entanto é a isso que vocês chamam divertir-se, não é? Vieram para isso; pois eu lhes enchi as medidas.

Continuou a caminhar sem dizer mais nada e, de repente, Belvigne percebeu que ela chorava. Espantado perguntou:

— Que tem?

— Deixe-me, não tem nada que ver com isso. Mas ele insistia, tolamente.

— Oh! senhorita, vamos, que é que tem? Fizeram-lhe alguma coisa?

Ela repetiu com impaciência:

— Deixe-me! Cale-se!

E bruscamente, não resistindo mais à tristeza desesperada que lhe afogava o coração, começou a chorar tão violentamente que nem podia mais caminhar.

Cobriu o rosto com as mãos e arquejava com um estertor na garganta, estrangulada, afogada pela violência do seu desespero.

Belvigne continuava de pé, ao seu lado, surpreso, repetindo:

— Eu não compreendo, senhorita. Servigny aproximou-se:

— Voltemos, Mamzelle. Que irão pensar os que a virem chorando, assim, na rua? Por que faz essas loucuras uma vez que a entristecem?

E, tomando-a pelo cotovelo, conduziu-a em direção à casa. Quando chegaram em frente ao portão, Yvette começou a correr, atravessou o jardim, subiu as escadas e encerrou-se no quarto.

Só tornou a aparecer na hora do jantar. Estava muito pálida, muito grave. Os outros, entretanto, achavam-se todos muito alegres. Servigny tinha comprado numa loja uma roupa de

trabalhador, uma calça de veludo, uma camisa de tecido floreado, uma blusa, e falava à maneira da gente do povo.

Yvette estava aflita para que terminasse o jantar, pois sentia falecer-lhe a coragem. Assim que se levantaram da mesa, ela voltou para o quarto.

Pela janela aberta, ouvia as vozes e as risadas dos que estavam em baixo, no terraço. O cavalheiro dizia gracejos picantes, fazia trocadilhos, grosseiros e inoportunos.

Yvette escutava tudo, desesperada. Servigny, um pouco embriagado, imitava um operário bêbedo, e chamava a marquesa de patroa. De repente ele gritou para Saval:

— Eh! patrão! Foi um riso geral.

Yvette, então, se decidiu. Tomou uma folha do seu papel de cartas e escreveu:

Bougival, domingo, nove horas da noite. Eu morro para não me tornar uma moça que tem um protetor. Yvette.

E acrescentou um *post-scriptum*:

Adeus, querida mãezinha. Perdoe-me.

Fechou o envelope e endereçou-o à Sra. marquesa de Obardi.

Em seguida arrastou a poltrona para junto da janela, colocou uma mesinha ao alcance da mão, e sobre ela depositou a garrafa de clorofórmio e um punhado de algodão.

Uma enorme roseira, que subia do terraço até a sua janela, exalava um perfume doce e suave. Yvette ficou algum tempo a aspirá-lo. A lua cheia vagueava no céu negro, velada às vezes por tênues nuvens.

Yvette pensava: "Eu vou morrer! eu vou morrer!" Sentia-se sufocada pelo coração estuante de soluços, a rebentar de dor.

Tinha ímpetos de pedir perdão a alguém, desejos de que a salvassem, de que a amassem.

A voz de Servigny elevou-se. Ele contava uma história escabrosa, que a todo o momento era entrecortada de risadas. A marquesa ria mais alto do que todos. E repetia sem cessar:

— Não há como ele para contar essas coisas. Ah! Ah! Ah!

Yvette destapou a garrafa e derramou um pouco de líquido no algodão. Um odor forte, adocicado, estranho, se desprendeu. Aproximando dos lábios o pedaço de algodão, ela inalou bruscamente aquele sabor forte e irritante que a fez tossir.

Fechou então a boca e começou a aspirá-lo. Com os olhos cerrados, sorvia em aspirações profundas o vapor mortal, e se esforçava por afastar de si qualquer pensamento. Não queria mais refletir, não queria saber de nada mais.

Pareceu-lhe a princípio que o seu peito se alargava, se distendia, e que a sua alma, até agora pesada, carregada de desgosto, se tornava leve, leve como se o peso que a oprimia tivesse sido erguido e afastado.

Uma sensação agradável lhe penetrava até à extremidade dos membros, até à ponta dos pés e das mãos, infiltrando-se na carne, uma espécie de vaga embriaguez, de suave febre.

Percebeu que o algodão estava seco, e admirou-se de ainda não estar morta. Seus sentidos lhe pareciam mais aguçados, mais sutis, mais alerta.

Ouvia as menores palavras pronunciadas, no terraço. O príncipe Kravalow contava como matara em duelo um general austríaco.

De longe, do silêncio da noite, ela ouvia os ruídos vindos do campo, os latidos interrompidos dos cães, o coaxar dos sapos, o farfalhar impercetível das folhas.

Encharcou novamente o algodão e se pôs outra vez a respirar. Durante alguns instantes não sentiu nada; depois foi novamente possuída por aquele maravilhoso bem-estar que já tinha sentido.

Por duas vezes deitou clorofórmio no algodão, ávida daquela sensação física e moral, daquele torpor de sonho em que sua alma se perdia.

Parecia-lhe que não possuía mais ossos, nem carne, nem pernas, nem braços. Haviam-lhe arrancado tudo, docemente, suavemente, sem que ela se apercebesse. O clorofórmio tinha esvaziado o seu corpo, não lhe deixando senão o pensamento, mais lúcido, mais vivo, mais largo, mais livre do que jamais o tinha sentido.

Recordou-se de uma infinidade de coisas esquecidas, de pequenos detalhes de sua infância, de coisas insignificantes que lhe davam prazer. Seu espírito, dotado subitamente de uma agilidade desconhecida, saltava para as ideias mais diversas, realizava mil aventuras, vagabundeava pelo passado, e perdia-se nos acontecimentos desejados para o futuro. O pensamento, ativo e despreocupado, tinha um encanto sensual, e dava-lhe, naquele sonho, um prazer divino.

Ouvia ainda as vozes, mas não distinguia mais as palavras, que tomavam para ela um outro sentido. Estava completamente mergulhada em uma espécie de magia estranha e variada.

Sentia-se em um barco que navegava em um rio de margens cobertas de flores. Em terra havia muitas pessoas conversando

em voz alta, e, subitamente, sem saber como, achou-se entre elas; e Servigny, vestido de príncipe, veio buscá-la para a levar a uma tourada.

As ruas estavam repletas de pessoas que conversavam, e ela escutava as conversas sem se surpreender, como se conhecesse toda gente, pois através da embriaguez do sonho ela ouvia o riso e os diálogos dos amigos de sua mãe, no terraço.

Depois tudo se foi esfumando.

Alguns instantes depois tornou a despertar, num delicioso torpor, e teve de fazer certo esforço para localizar-se. Não estava morta ainda.

Mas sentia-se tão repousada, em um tal bem-estar físico, em tal paz de espírito que não fazia questão de terminar! Desejaria que o estado de estranha sonolência durasse para sempre.

Respirava lentamente e olhava a lua, que brilhava em sua frente, sobre as árvores. Alguma coisa havia mudado no seu espírito. Não pensava mais como momentos antes. O clorofórmio, entorpecendo-lhe o corpo e a alma, havia acabado sua mágoa e anulado o seu desejo de morte.

Por que não viver? Por que não ser amada? Por que não ser feliz? Tudo agora lhe parecia possível, fácil e certo. Tudo era doce, tudo era bom, tudo na vida era encantador. Mas como queria continuar sonhando, ela embebeu novamente o algodão na água do sonho, e continuou respirando, afastando de vez em quando o veneno, para não absorver em demasia, para não morrer.

Olhava a luz e imaginava ver uma figura, uma cara de mulher. Percorria novamente os campos, levada pela imaginação inebriante do ópio. A figura de mulher balançava-se no meio do

céu; cantava, com uma voz muito conhecida, a "Aleluia do Amor".

Era a marquesa que havia entrado e estava ao piano.

Yvette ainda tinha asas. Voava na noite, numa belíssima noite de luar, por cima dos bosques e dos rios. Voava com volúpia, abrindo as asas, batendo as asas, levada pelo vento, acariciada pelo vento. O vento beijava-lhe a pele e ela deslizava tão ligeiro, com tanta velocidade que nem podia ver por onde passava. De repente achou-se sentada à beira de um lago, com uma linha na mão, pescando.

Sentiu que a linha lhe pesava na mão e retirou-a da água. Em lugar de um peixe encontrou um belíssimo colar de pérolas, que desejara não fazia muito tempo. Não se espantou com o acontecimento e olhou para Servigny, que, sem que ela soubesse como, estava a seu lado pescando e que retirou da água um cavalo de pau. Sentiu novamente a sensação de despertar e ouviu que a chamavam em baixo. Sua mãe dizia:

— Apague a luz.

Depois foi a voz de Servigny, clara e cómica:

— Apague a luz, mamzelle Yvette. E todos repetiram em coro:

— Mamzelle Yvette, apague a luz.

Yvette derramou mais clorofórmio no algodão, mas, como não queria mais morrer, conservou-o longe das narinas, para respirar o ar fresco, impregnando o quarto com o cheiro asfíxiante do narcótico, pois percebeu que iriam subir até ali. Tomou uma atitude abandonada, uma atitude de morta, e esperou.

A marquesa falou:

— Estou um pouco preocupada! Esta menina maluca dormiu sem apagar a luz. Vou mandar Clémence apagá-la e fechar a janela que ficou escancarada.

Em seguida a criada de quarto bateu à porta, chamando:

— Mademoiselle, mademoiselle! Depois de um silêncio, repetiu:

— Senhorita, a Sra. marquesa pede-lhe para apagar a luz e fechar a janela.

Clémence esperou um pouco e bateu novamente com força, gritando:

— Mademoiselle, mademoiselle!

Yvette não respondeu e a criada foi avisar a marquesa:

— A senhorita está dormindo; a porta está trancada e eu não consegui despertá-la.

— Isso não pode ficar assim!

A conselho de Servigny juntaram-se todos sob a janela da rapariga e gritaram em coro:

— Hip — hip — hurra — Mamzelle Yvette!

O clamor elevou-se na noite calma, expandiu-se no ar transparente, sob a lua, espalhou-se no silêncio dos campos próximos; e eles ouviram-no afastar-se, como o ruído de um trem que se distancia.

Como Yvette não respondesse, a marquesa exclamou:

— Deus queira que não tenha acontecido alguma coisa; estou com cuidado.

Então Servigny, colhendo as rosas vermelhas de uma trepadeira que cobria o muro, começou a atirá-las no quarto, pela janela aberta.

À primeira que lhe bateu, Yvette teve um sobressalto, esteve a ponto de gritar. Outras lhe caíram sobre o vestido, outras sobre os cabelos, outras, passando por cima de sua cabeça, caíam na cama, cobriam-na com uma chuva de flores.

A marquesa chamou mais uma vez, com a voz meio estrangulada:

— Vamos, Yvette, responda. Servigny, então declarou:

— De facto, isso não é natural, eu vou trepar no balcão. Mas o cavalheiro protestou:

— Permita, permita, eu protesto, isso é um ótimo meio. É um ótimo momento... para conseguir um rendez-vous!

Os outros todos, que julgavam que fosse uma farsa da rapariga, exclamaram:

— Nós protestamos. Isso é uma artimanha. Não subirá! Não subirá!

Mas a marquesa, preocupada, repetia:

— É preciso que se vá ver o que há.

O príncipe declarou com um gesto dramático:

— Ela favorece o duque, estamos sendo traídos.

— Joguemos cara ou coroa para vermos quem subirá — propôs o cavalheiro.

E tirou do bolso uma moeda de ouro de cem francos. Começou pelo príncipe:

— Cara — disse. Saiu coroa.

O príncipe atirou a moeda por sua vez, dizendo a Saval:

— Escolha, senhor. Saval escolheu:

— Cara. Saiu coroa.

O príncipe jogou com todos. Todos perderam. Servigny, que era o único que faltava, exclamou com o seu ar insolente:

— Não pode ser, ele está trapaceando!

O russo pôs a mão sobre o peito e, numa curvatura, estendeu a moeda ao seu adversário, dizendo:

— Jogue o senhor mesmo, meu caro duque. Servigny pegou a moeda e atirou-a para o ar, gritando:

— Cara.

Saiu novamente coroa.

Ele fez um cumprimento e indicou o balcão:

— Suba, meu caro príncipe.

Mas o príncipe olhava ao redor, como procurando alguma coisa.

— Que procura? — perguntou o cavalheiro.

— Eu... eu.. eu quero... eu procuro... uma escada. Todos riram a um tempo, Saval aproximou-se:

— Nós vamos ajudá-lo.

Levantou-o nos seus braços de hércules, recomendando: — Segure-se no balcão.

O príncipe agarrou-se, Saval soltou-o, ele ficou pendurado agitando as pernas no ar. Servigny então aproximou-se e puxou-lhe as pernas, que procuravam aflitivamente um ponto de apoio. O príncipe caiu como uma pedra sobre a barriga de M. de Belvigne, que se aproximara para auxiliá-lo.

— Apresente-se outro—declarou Servigny. Ninguém se apresentou.

— Vamos, Belvigne, coragem.

— Obrigado, meu caro, eu respeito os meus ossos.

— O senhor, cavalheiro, o senhor deve ter o hábito das escaladas.

— Cedo-lhe meu lugar, meu caro duque.

— Já que não há outro remédio...

Servigny trepou num pilar, deu um salto, pendurou-se ao balcão, ergueu-se à força dos seus braços, como um ginasta, e pulou a balaustrada.

Todos os espectadores o aplaudiram. Ele entrou no quarto e reapareceu em seguida, gritando:

— Venham, venham ligeiro! Yvette está sem sentidos. A marquesa soltou um grito e arremessou-se para a escada.

A rapariga, com os olhos cerrados, parecia morta. Sua mãe entrou, desvairada, e atirou-se sobre ela.

— O que é que ela tem? o que é?

Servigny examinava a garrafa de clorofórmio, entornada sobre o parquete:

— Ela se asfixiou — explicou ele.

Colocou o ouvido sobre o coração da rapariga e exclamou:

— Ainda não está morta, nós a reanimaremos. Tem amoníaco?

A criada, espantada, repetia:

— O quê?... o que, senhor?

— Água sedativa.

— Tem, sim senhor.

— Traga, então, e deixe a porta aberta para estabelecer uma corrente de ar.

A marquesa, de joelhos, soluçava:

— Yvette! Yvette! minha filha, minha filhinha, escuta, responde, Yvette. Oh! meu Deus! meu Deus!

Os homens, perturbados, agitavam-se sem fazer nada; levavam água, toalhas, vinagre. Um deles disse:

— É melhor despi-la.

A marquesa, completamente atordoada, procurava despir a filha, mas não sabia o que estava fazendo. Suas mãos tremiam, atrapalhava-se, e ela gemia: "Eu... eu... eu não posso, eu não posso..."

A criada voltou trazendo um frasco de remédio, que Servigny destapou, derramando metade sobre um lenço. Colocou-o no nariz de Yvette, que teve uma sufocação.

— Bem, ela respira — disse ele. — Isto não é nada. — Esfregou-lhe as têmporas, as faces, o pescoço com o líquido de cheiro acre.

Depois, fez sinal à criada para despir a rapariga, e quando ela não tinha senão uma saia sobre a camisa, segurou-a no colo e transportou-a para a cama, trémulo, excitado pelo aroma do corpo quase desnudo, pelo contato da carne moça, pela humidade dos seios apenas velados, que ele fazia curvarem sob a sua boca.

Quando a deitou, ele ergueu-se muito pálido.

— Ela vai recuperar os sentidos — disse —, não é nada. Yvette já respirava contínua e regularmente. Apercebendo-se da presença dos outros homens, todos com os olhos fixos em Yvette, Servigny sentiu uma ciumenta irritação e encaminhou-se para eles:

— Senhores, o quarto está muito cheio; queiram ter a bondade de nos deixar a sós, Saval e eu, com a marquesa.

Ele falava num tom seco e autoritário. Os outros retiraram-se.

M.^{me} Obardi abraçara-se a seu amante e, com a cabeça erguida para ele, suplicava-lhe:

— Salve-a... salve-a!...

Servigny voltou-se e viu uma carta em cima da mesa. Segurou-a com um gesto rápido e leu o endereço. Compreendeu tudo e pensou: "Talvez seja melhor que a marquesa não tome conhecimento disto". E, abrindo o envelope, percorreu com os olhos as duas linhas que ela continha:

Eu morro para não me tornar uma moça que tem um protetor.

Yvette. Adeus, querida mãezinha. Perdoa-me.

— Diabo—pensou ele —, isto requer reflexão. E guardou a carta no bolso.

Aproximou-se do leito e desconfiou que a rapariga já tivesse recobrado os sentidos, mas que não ousava demonstrá-lo por vergonha, por humilhação, com receio das perguntas.

A marquesa estava agora ajoelhada nos pés da cama, e chorava. A certa altura, ela pediu:

— Um médico, chamem um médico.

Servigny, que estava falando baixo com Saval, respondeu:

— Não é mais preciso. Faça o obséquio, retire-se um minuto, somente um instante, e prometo que ela a beijará quando voltar.

O barão, tomando o braço de Mme Obardi, conduziu-a para fora do quarto. Servigny sentou-se na beira da cama, segurou a mão de Yvette e falou:

— Mamzelle, escute-me...

Ela não respondeu. Sentia-se tão bem, tão suave, tão comodamente deitada, que desejaria não mais se mexer, não mais falar, e viver para sempre assim. Um bem-estar infinito a invadira, um bem-estar como jamais havia sentido.

O ar tépido da noite entrava em leves lufadas, em sopros aveludados, e roçava-lhe as faces de uma maneira esquisita, impercetível. Era como uma carícia, qualquer coisa como um beijo do vento, como o vento suave e refrescante de um leque feito de todas as folhas dos bosques e de todas as sombras da noite, da névoa dos rios, e de todas as flores, pois as rosas que tinham sido atiradas pela janela e as rosas da trepadeira do balcão impregnavam com os seus perfumes entontecedores o ar puro da noite.

Yvette, com os olhos cerrados, com o coração tranquilo na embriaguez ainda persistente do ópio, não mais desejava morrer, mas sentia uma vontade forte, imperiosa, de viver, de ser feliz, não importa como, de ser amada; sim, de ser amada.

Servigny repetiu:

— Mamzelle Yvette, escute-me.

Ela decidiu a abrir os olhos. Vendo-a reanimada, Servigny falou:

— Vamos, que loucura foi essa? Ela murmurou:

— Meu pobre Muscade, eu estava tão desesperada! Ele segurou-lhe a mão, paternalmente:

— Foi isso que a levou a esse extremo? Você vai prometer-me não tentar outra vez.

Yvette não respondeu, mas fez um pequeno movimento com a cabeça, acentuando um sorriso mais sensível que visível.

Servigny tirou do bolso a carta, que encontrara sobre a mesa:

— Devo mostrar isso à sua mãe? Yvette respondeu que não com a cabeça.

Ele não sabia o que dizer. A situação se afigurava sem saída. Murmurou:

— Minha pobre criança, é preciso sempre tirar partido das coisas desagradáveis. Eu compreendo o seu desgosto, e prometo-lhe...

Ela balbuciou:

— Você é bom...

Calaram-se. Ele a contemplava. Yvette tinha nos olhos qualquer coisa de terno, de desfalecente, e, sem que ele esperasse, ergueu os braços, como se quisesse atraí-lo. Inclinou-se para ela, percebendo que era chamado; e os seus lábios uniram-se.

Permaneceram assim muito tempo, com os olhos fechados. Mas, compreendendo que ia perder a cabeça, ele ergueu-se. Ela sorriu-lhe com um sorriso de ternura.

— Vou chamar sua mãe—disse ele.

— Espere um segundo. Eu estou tão bem!

Depois de um curto silêncio ela perguntou muito baixo, com uma voz apenas perceptível:

— Você amar-me-á de verdade?

Ele ajoelhou-se junto do leito e, beijando a mão que ela lhe entregava:

— Eu a adoro.

Ouviram-se passos perto da porta. Ele ergueu-se de um salto e gritou com sua voz natural, que parecia sempre um pouco irônica:

— Podem entrar, tudo já está terminado.

A marquesa atirou-se sobre a filha, abraçou-a freneticamente, cobrindo-lhe o rosto de lágrimas. Servigny, radiante, se encaminhava para o balcão, para respirar o ar fresco da noite, cantarolando:

Souvent femme varie.
Bien fol est qui s'y fie.

29 de agosto – 9 setembro 1884